

O CIDADÃO DE PAPEL



A INFÂNCIA, A
ADOLESCÊNCIA
E OS
DIREITOS
HUMANOS
NO BRASIL

GILBERTO
DIMENSTEIN





Série Discussão Aberta
Gilberto Dimenstein
O Cidadão de Papel
A infância, a adolescência e os Direitos
Humanos no Brasil

3ª edição, 1993

Editora Ática

Folha Educação

Editor: João Guizzo

Edição de texto: Suely Hiromi Furukawa e Carmen Zilda Ribeiro

Pesquisa iconográfica: Maria Alice Silva Bragança

Roteiros para discussão e suplemento de trabalho: Carmem Zilda Ribeiro

Capa e projeto gráfico: Otávio Roth

Arte-final e ilustrações: Oficina das Artes do Livro

Editoração eletrônica: Sandra Angi

Assessoria de informação: Andi – Agência de Notícias dos Direitos da Infância

Impressão e acabamento: GEOGRAFICA

ISBN: 85 08 04470 4

Apoio: UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

APRESENTAÇÃO

A verdadeira democracia, aquela que implica o total respeito aos Direitos Humanos, está ainda bastante longe no Brasil. Ela existe apenas no papel. O cidadão brasileiro na realidade usufrui de uma cidadania aparente, uma cidadania de papel. Existem em nosso país milhões de cidadãos de papel.

Desvendar as engrenagens que produzem este tipo de cidadania, eis o objetivo deste livro. Essas engrenagens estão diante dos nossos olhos. Convivem com nosso dia-a-dia. Nós fazemos parte delas. Nós as produzimos. Todos os cidadãos têm mais ou menos responsabilidade na produção de violência, de desemprego, do êxodo rural que incha as cidades, do analfabetismo, da mortalidade infantil.

Gilberto Dimenstein vem expondo esta realidade há um certo tempo. Neste livro ele dá mais um passo no aprofundamento do tema. Sua preocupação não se restringe a denunciar os casos mais graves de desrespeito aos Direitos Humanos. Vai bem mais além, mostrando justamente que, caso não sejam enfrentadas suas causas mais profundas, nossa cidadania não passará de uma cidadania de papel.

Este livro poderá ganhar uma força extraordinária nas mãos dos jovens que o utilizarem para estudo e reflexão. Com ele poderão contribuir para mudar radicalmente o conceito de cidadania que vigora em nosso país.

Os editores

PREFÁCIO

Este livro começou a surgir quando vi uma cena estranha: 1400 pés de adolescentes no ar. Foi em 1991, na primeira vez em que fiz uma palestra para jovens. Até aquele dia, costumava falar para pessoas com curso superior, interessadas em ouvir um relato jornalístico sobre a violência contra a criança carente.

Era em uma escola de São José do Rio Preto, no interior de São Paulo, onde fui lançar o livro *A guerra dos meninos*. Eu estava preocupado. O pessoal podia começar a bocejar, achando que o assunto era muito chato. E não sabia se ia conseguir falar de um jeito que todo mundo entendesse.

Fiquei mais preocupado ainda quando cheguei ao ginásio de esportes lotado de gente. Eram setecentos garotos e garotas. Pensei que ia falar para uma classe de umas cinquenta pessoas. Subi num pequeno palanque onde colocaram o microfone e uma mesa. Olhei para aqueles rostos intrigados e me deu branco.

Não sabia por onde começar nem o que falar. Mesmo sem ter sede, tomei um copo de água devagarinho. Era para ganhar alguns preciosos segundos. Por sorte, eu estava segurando um jornal, que trazia na primeira página uma notícia sobre gangues de adolescentes em São Paulo.

Eles atacavam estudantes só para levar um tênis. Machucavam e até matavam

para roubar. Por causa dessas gangues, tinha gente indo armada para a escola. Um jovem contava que nunca mais usou um tênis novo, de medo. Foi então que tive uma ideia salvadora.

Pedi para todo mundo levantar os pés. Não entenderam e pedi de novo. Obedeceram, rindo e fazendo caras de espanto. Pedi para abaixar os pés. Eles ficaram olhando para mim como se eu fosse doido. Esperei alguns segundos e disse que tinha acabado de ver setecentos motivos para eles serem vítimas de violência. Cada par de tênis era um motivo. E contei o que tinha lido no jornal.

Todo mundo ficou em silêncio.

Na palestra, fiz de tudo para que entendessem o que leva um menino a roubar um tênis. E pedi para que se colocassem no lugar do ladrão. O pessoal parecia disposto a pensar no assunto.

Como todo mundo ficou quieto e prestando atenção, percebi que aqueles jovens estavam preocupados com a violência nas grandes cidades. Vi que a falta de informação e reflexão poderia levá-los a uma postura perigosa: o uso de mais violência.

Em janeiro de 1992, o *Datafolha*, instituto que revela as tendências de opinião pública, fez uma pesquisa sobre esse perigo. Entrevistou um grupo de adolescentes que foi ao Hollywood Rock. A maioria era a favor da pena de morte. Isso revela mais um desejo de vingança do que de justiça.

Este livro pretende mostrar, passo a passo, como funciona o motor de uma sociedade que produz crianças de rua. É uma viagem pelas engrenagens do colapso social, onde a infância é a maior vítima e a violência, uma consequência natural.

A descoberta das engrenagens é a descoberta do desemprego, da falta de escola, da inflação, da migração, da desnutrição, do desrespeito sistemático aos direitos humanos. Com essa comparação, vamos observar como é a cidadania brasileira, que é garantida nos papéis, mas não existe de verdade. É a **cidadania de papel**.

Estou convencido de que a infância, frágil como um papel, é o mais perfeito indicador do desenvolvimento de uma nação. Revela melhor a realidade do que o ritmo de crescimento econômico ou renda *per capita*.

A criança é o elo mais fraco e exposto da cadeia social. Se um país é uma árvore, a criança é um fruto. E está para o progresso social e econômico como a semente para a plantação. Nenhuma nação conseguiu progredir sem investir na educação, o que significa investir na infância. Por um motivo bem simples: ninguém planta nada se não tiver uma semente.

A viagem pelo conhecimento da infância é a viagem pelas profundezas de uma nação. Isto porque árvores doentes não dão bons frutos.

Não quis produzir um trabalho pessimista que faça as pessoas perderem a confiança no próximo. Procurei mostrar avanços dentro e fora do país. Dou exemplos de planos bem-sucedidos que melhoraram a vida de milhões de pessoas.

Ao percorrer o caminho de volta — do fruto à árvore —, fui puxado por outro desafio, provocado pela minha formação jornalística: ajudar também a formar leitores.

Nem todo mundo consegue entender o que está escrito nos jornais. Sua linguagem está cheia de conceitos como inflação, estagflação, dívida social, imposto progressivo, sonegação, PIB, crescimento populacional, renda *per capita*, CPI, Procuradoria-Geral da República, Estado de Direito Democrático, entre muitos outros. Sem entender o que significam essas palavras, impossível saber o que é cidadania.

Quando não entende o que está lendo, qualquer pessoa perde o interesse e pára de ler. Raramente os jornais falam claro e explicam as coisas como deveriam. Se isso acontecesse, mais gente leria as notícias e teria maior consciência dos seus deveres e direitos.

O principal objetivo deste livro é fazer com que você comece a entender que a situação da infância é um fiel espelho de nosso estágio de desenvolvimento econômico, político e social. E os problemas não são isolados: existe uma rede ligando o assassinato de crianças, a violência nas ruas, a crise do ensino superior e o mercado de trabalho. Esse mercado vem criando legiões de médicos, advogados, arquitetos e engenheiros frustrados porque não conseguem exercer sua profissão. Sem falar nos que exercem, mas estão descontentes porque ganham pouco.

Para saber como isso tudo funciona, você precisa conhecer bem o significado de expressões e conceitos complicados que aparecem todos os dias nos jornais. E o melhor jeito de entender tudo isso é comparando com coisas que fazem parte do universo do leitor, do seu dia-a-dia.

Com este livro, quero fazer um alerta: todo mundo está começando a achar que violência é coisa normal. Isto porque os noticiários falam muito em crimes e eles acontecem a toda hora. Então, as pessoas se esquecem dos verdadeiros princípios básicos da cidadania e da democracia. E uma sociedade só consegue viver dentro desses princípios quando seus problemas são resolvidos sem violência.

CATÁSTROFE SILENCIOSA

Quarenta mil crianças morreram hoje no mundo, vítimas de doenças comuns combinadas com a desnutrição. Metade dessas mortes poderia ter sido evitada facilmente e sem altos custos financeiros.

Para cada criança que morreu hoje, muitas outras vivem com a saúde debilitada e, assim, incapazes de se desenvolverem, minando seu potencial. Entre os sobreviventes, metade nunca colocará os pés numa sala de aula ou não ficará o suficiente para se tornar alfabetizada.

Isso não é uma catástrofe futura. Isso aconteceu ontem. E está acontecendo hoje. E irá acontecer amanhã — exceto se o mundo decidir proteger suas crianças.

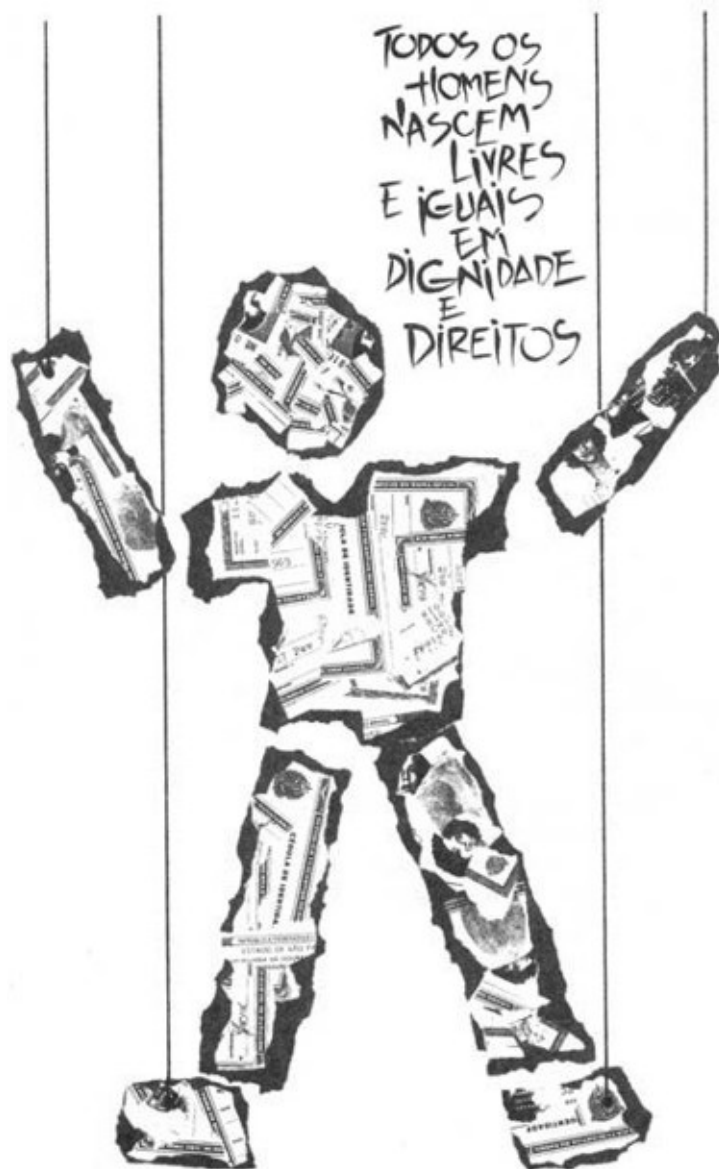
Os efeitos dessa catástrofe silenciosa não estão limitados apenas aos prejuízos atuais. As consequências de longo prazo são conhecidas: perpetuação da pobreza e frágil crescimento econômico nas gerações futuras; altas taxas de crescimento populacional e destruição do meio ambiente.

Semeiam-se futuros problemas, gerando turbulências políticas e sociais, as quais costumam ocorrer quando a pobreza persiste.

O esforço a ser realizado pelos países ricos e pobres para proteger suas crianças e adolescentes é necessário não apenas como resposta a uma das maiores causas humanitárias de nosso tempo. É também um investimento do qual irão depender a prosperidade econômica, a estabilidade política e a integridade do meio ambiente.

Texto preparado pelo Unicef aos chefes de governo no encontro sobre os direitos da infância realizado na ONU em 1990.

CIDADANIA



▪ Sintomas da crise

Quando andamos pela cidade, encontramos diariamente meninos de rua. Alguns não fazem nada. Outros estão lavando ou cuidando de carros. São engraxates ou vendedores de balas nos semáforos.

Esta cena se tornou tão comum que nem chama mais a atenção. Prepare-se, agora, para uma pergunta que vai parecer maluca:

Existe algo de comum entre você e o menino de rua?

Certamente veio à sua cabeça a imagem de um menino dormindo na rua, apanhando da polícia. Usa roupas velhas, está descalço, magro e sem tomar banho ou escovar os dentes. E aí, você vai achar a pergunta maluca mesmo.

Afinal, você tem casa, estuda, come três vezes por dia, passa as férias na praia ou no campo.

Suspeito que a pergunta pode lhe parecer tão boba que você já pensou em largar a leitura deste livro. Mas se você se der ao direito de ter dúvida, vai descobrir muitas coisas. Verá que, para ter a resposta, precisará mergulhar num conceito muito importante para o ser humano: a cidadania. E precisará olhar não apenas para as ruas, mas para dentro de sua própria casa. Até dentro de seu quarto.

Nota-se a ausência de cidadania quando uma sociedade gera um menino de rua. Ele é o sintoma mais agudo da crise social. Os pais são pobres e não conseguem garantir a educação dos filhos. Eles vão continuar pobres, já que não arrumam bons empregos. E aí, seus filhos também não terão condições de progredir. É a famosa pergunta:

Quem nasceu antes: o ovo ou a galinha?

O garoto é pobre porque não conseguiu estudar em uma boa escola ou é porque não estudou que continua pobre?

Esse círculo vicioso não atinge só os pobres. Revela uma sociedade que fecha oportunidades a todos, inclusive para você.

Veja que informação interessante: em 1991, 57% dos alunos que terminaram o segundo grau no Japão moravam em apartamento próprio. Lembre-se que quando acabou a Segunda Guerra Mundial, em 1945, o Japão estava destruído. Tem mais: neste século uma imensa onda de migração japonesa veio para cá, fugindo da miséria. Agora, olhe à sua volta, entre seus colegas, e responda:

Quantos moram em apartamento próprio?

Por que para um jovem brasileiro essa possibilidade do estudante japonês parece uma regalia inacreditável? Também é inacreditável para um jovem japonês uma escola sem computadores.

É a mesma sensação de incredulidade que teria um aposentado brasileiro ao saber como vivem os velhos no Japão. Eles estão cercados de conforto material e, sobretudo, respeito dos mais jovens. E o velho japonês consideraria inacreditável a realidade dos aposentados brasileiros. Dos 12,6 milhões de aposentados que existem no Brasil, dez milhões recebem até um salário mínimo.

Estamos vendo dois extremos da perversidade social. Os mais fracos são as maiores vítimas: as crianças e os velhos. E uma sociedade que não respeita suas crianças e seus velhos mostra desprezo ou, no mínimo, indiferença com

seu futuro. Vamos ao óbvio: todo mundo já foi criança e será velho um dia. Portanto, ninguém está seguro.



SEIS ANOS NAS RUAS

A família de Margaret foi para as ruas do Rio de Janeiro, em 1981, quando seu pai foi embora.

“Minha mãe não tinha como sustentar a gente. Éramos quatro meninas. Vendíamos doces nas ruas. Um dia nós quatro não conseguimos dinheiro com as vendas. Minha mãe decidiu que deveríamos dormir onde estávamos. Ficamos ali para fazer mais dinheiro. Quando voltamos, a casa estava toda quebrada. Desde aquele dia, ficamos na rua.”

“Então minha mãe teve mais um filho, quando morávamos na rua. Veio mais uma menina. Minha mãe ficou doente depois do parto. Foi embora com o bebê. Ela me deixou para cuidar de minhas irmãs. Só reencontramos ela três anos depois.”

“Algumas de minhas colegas nas ruas foram violentadas por policiais. Nunca aconteceu comigo porque eu não sou uma menina de rua. A melhor coisa do mundo é estar junto de sua mãe. Nós podemos ter frio ou fome, mas quando estamos junto da mãe, estamos protegidos. “

Margaret tinha seis anos quando sua família foi para a rua. Aos doze anos, ela ouviu falar de um programa para crianças de rua, oferecido pela

Associação Beneficente São Martinho, ligada à Igreja Católica.

“Eu queria ser ajudada. Lutei para ganhar atenção e assistência. Nas ruas não havia nada legal. Só conheci coisas legais quando vim para essa instituição.”

Ela prosperou. Quando atingiu os dezesseis anos já se preparava para trabalhar com crianças de rua. Conseguiu ajuda para ter uma casa, onde vive com sua mãe e irmãs.

Depoimento para um relatório ao Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), de 1990, sobre meninos de rua.

▪ **Direito de ter direitos**

Está aí a importância de saber direito o que é cidadania. É uma palavra usada todos os dias e tem vários sentidos. Mas hoje significa, em essência, o direito de viver decentemente.

Cidadania é o direito de ter uma ideia e poder expressá-la. É poder votar em quem quiser sem constrangimento. É processar um médico que cometa um erro. É devolver um produto estragado e receber o dinheiro de volta. É o direito de ser negro sem ser discriminado, de praticar uma religião sem ser perseguido.

Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento, está o respeito à coisa pública.

O direito de ter direitos é uma conquista da humanidade. Da mesma forma que a anestesia, as vacinas, o computador, a máquina de lavar, a pasta de dente, o transplante do coração.

Foi uma conquista dura. Muita gente lutou e morreu para que tivéssemos o direito de votar. E outros batalharam para você votar aos dezesseis anos. Lutou-se pela ideia de que todos os homens merecem a liberdade e de que todos são iguais diante da lei.

Pessoas deram a vida combatendo a concepção de que o rei tudo podia porque tinha poderes divinos e aos outros cabia obedecer. No século XVIII, a rebeldia a essa situação detonou a Revolução Francesa, um marco na história

da liberdade do homem.

No mesmo século surgiu um país fundado na ideia da liberdade individual: os Estados Unidos. Foi com esse projeto revolucionário que eles se tornaram independentes da Inglaterra.

Desde então, os direitos foram se alargando, se aprimorando, e a escravidão foi abolida. Alguém consegue hoje imaginar um país defendendo a importância dos escravos para a economia?

Mas esse argumento foi usado durante muito tempo no Brasil. Os donos de terra alegavam que, sem escravos, o país sofreria uma catástrofe. Eles se achavam no direito de bater e até matar os escravos que fugissem. Nessa época, o voto era um privilégio: só podia votar quem tivesse dinheiro. E para se candidatar a deputado, só com muita riqueza em terras.

No mundo, trabalhadores ganharam direitos. Imagine que no século passado, na Europa, crianças chegavam a trabalhar até quinze horas por dia. E não tinham férias.

As mulheres, relegadas a segundo plano, passaram a poder votar, símbolo máximo da cidadania. Até há pouco tempo, justificava-se abertamente o direito do marido de bater na mulher e até de matá-la.

Em 1948, surgiu a *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), ainda na emoção da vitória contra as forças totalitárias lideradas pelo nazismo, na Europa.

Com essa declaração, solidificou-se a visão de que, além da liberdade de votar, de não ser perseguido por suas convicções, o homem tinha direito a uma vida digna. É o direito ao bem-estar.

A onda dos direitos mudou a cara e o mapa do mundo neste final de milênio. Assistimos à derrocada dos regimes comunistas, com a extinção da União Soviética. Os países do Leste europeu converteram-se à democracia.

Na África do Sul, desfez-se o regime de segregação racial. A América Latina, tão viciada em ditadores, viu surgir na década de 80 uma geração de presidentes eleitos democraticamente.

▪ Os direitos das crianças

Atualmente, cada vez mais se aprimoram os direitos das crianças, os seres mais frágeis e desprotegidos. O primeiro passo foi dado em 1959, quando a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou uma declaração de dez pontos:

1. Direito à igualdade, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade;
2. Direito a proteção especial para seu desenvolvimento físico, mental e social;
3. Direito a um nome e a uma nacionalidade;
4. Direito à alimentação, à moradia e à assistência médica adequadas para a criança e a mãe;
5. Direito à educação e a cuidados especiais para a criança física ou mentalmente deficiente;
6. Direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade;
7. Direito à educação gratuita e ao lazer;
8. Direito a ser socorrido em primeiro lugar, em caso de catástrofe;
9. Direito a ser protegido contra o abandono e a exploração no trabalho;
10. Direito a crescer dentro de um espírito de solidariedade, compreensão, amizade e justiça entre os povos.

Um menino de rua é mais do que um ser descalço, magro, ameaçador e mal vestido. É a prova da carência de cidadania de todo um país, onde uma imensa quantidade de garantias não saiu do papel da Constituição. É um espelho ambulante da História do Brasil. No futuro, o menino de rua será visto como hoje vemos os escravos.

“QUERO CRESCER, MELHORAR”

“A experiência que tive nas ruas não desejo para ninguém. Todos os que eu conheci nas ruas foram presos. Muitos dos meus amigos morreram. Foram baleados ou atropelados. Um deles está inválido, alguns estão na detenção e muitos se tornaram completamente inúteis para a vida.

Agora quero alugar um quarto e ser independente. Muita gente diz que vou sofrer. Mas quero ser uma pessoa que consegue se sustentar sozinha. Quero ter comida, roupa, comprar minhas próprias coisas. Quero acabar

meus estudos. Quero conhecer outros lugares. Quero crescer, melhorar. “

UM CRIME SEM PUNIÇÃO

Os assassinatos têm-se tornado rotineiros e é um dos mais sérios problemas de direitos humanos no Brasil. Milhares de brasileiros morrem anualmente nas mãos de fazendeiros, pistoleiros, grupos de extermínio e policiais.

Brasileiros e organizações internacionais têm acusado que policiais e pistoleiros eliminam pessoas suspeitas de serem criminosas, incluindo meninos de rua. Há confiáveis relatórios informando que juízes e promotores públicos obstruem processos contra matadores de crianças. Autoridades federais, estaduais e municipais geralmente não agem contra os responsáveis pelas mortes.

Policiais falham em conduzir inquéritos. Segundo organizações de defesa de direitos humanos, essa falha ocorre porque eles têm ligações com os assassinos ou porque são contratados para cometer crimes.

Trecho de documento elaborado em 1993 pelo governo americano sobre direitos humanos no Brasil.

Roteiro para discussão

1. Qual é a perspectiva de um país que não respeita suas crianças e seus velhos?
2. Qual a importância histórica da Declaração Universal dos Direitos Humanos?

VIOLÊNCIA



▪ Do que você tem medo?

Convide dez colegas de sua classe para fazer um teste, simulando uma pesquisa de opinião pública. Apresente para eles um papel com a pergunta:

Do que você tem mais medo?

Agora, relacione as alternativas seguintes e peça para escolherem apenas cinco delas.

1. Fantasma
2. Dormir no escuro

3. Ficar preso em elevador
4. Ser assaltado na rua
5. Repetir de ano
6. Entrar ladrão em sua casa
7. Separação dos pais
8. Ser sequestrado
9. Morte dos pais
10. Atropelamento
11. Meninos de rua
12. Aids
13. Desemprego
14. Não entrar na faculdade
15. Não conseguir emprego depois de formado

Quando as respostas estiverem prontas, anote os resultados. Veja quais são os medos mais comuns entre seus colegas.

Se os entrevistados morarem em cidade grande, certamente o medo da violência (ladrão ou sequestrador, por exemplo) estará registrado nos primeiros lugares da maioria dos questionários.

Pesquisa igual a essa foi realizada em 1992, no Rio de Janeiro. Psicólogos entrevistaram crianças de sete a onze anos, em cinco colégios, para descobrir do que eles tinham mais medo. As respostas foram parecidas. Pavor de sequestradores, ladrões e meninos de rua ficaram no topo da lista.

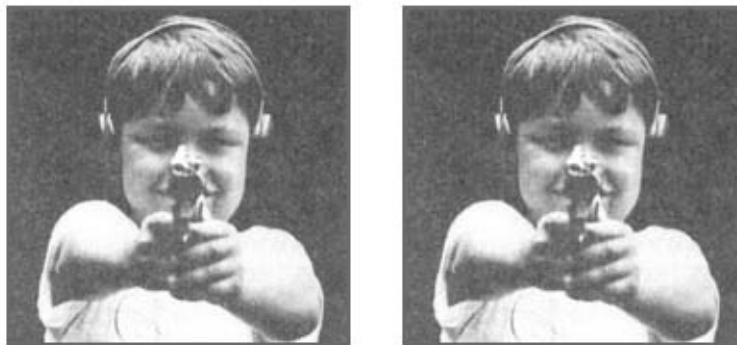
Mas nem sempre foi assim. Houve tempo em que crianças temiam mula-sem-cabeça, bicho-papão, assombrações que nasciam nas lendas brasileiras. Hoje os monstros nascem na realidade brasileira.

Na década de 70, a palavra sequestro era geralmente ligada a motivos políticos. No Rio de Janeiro da década de 90, registra-se um sequestro a cada dois dias. Raramente uma notícia sobre violência ia para as primeiras páginas dos jornais ou ocupava muito espaço em telejornais importantes. Agora, é o que mais aparece no jornal e na televisão.

A paisagem também era diferente. As casas não tinham tantas grades e

existiam poucos condomínios guardados por seguranças particulares. Os condomínios de hoje mais parecem fortalezas medievais, como as de desenhos animados. São iguais àquelas de onde o bravo cavaleiro tenta salvar a donzela presa na torre.

Era bem menos perigoso andar nas ruas. Imagine que as pessoas nem se preocupavam em sair por aí cheias de jóias de ouro no pescoço, pulso ou dedos. Falava-se pouco em meninos de rua, até porque não eram muitos. As mulheres não tinham a menor vontade de frequentar academias para aprender a usar um revólver — muito menos meninos.



Antigamente, os bandidos eram “profissionais” e desprezavam colegas que usassem violência. Essas estrelas do submundo nem andavam armadas. Era a época dos batedores de carteiras que tinham as mãos tão ágeis como as de um mágico. Enfiavam sutil e eficazmente as mãos no bolso da vítima, que só percebia o prejuízo em casa.

Mas a situação mudou. Os “profissionais”, vistos até com certa admiração popular, desapareceram. Instalou-se a barbárie. Surgiram gangues de violentos adolescentes que atacam crianças para tirar seu tênis. Isso acontece muitas vezes na frente da escola, em plena luz do dia.

O Brasil passou a conhecer um novo êxodo: cidadãos inconformados com a falta de segurança mudam-se para Miami, nos Estados Unidos, onde se imaginam protegidos. Preocupados com os filhos, arrepiam-se com guerras de quadrilhas nos bailes funk. É, na prática, um exílio.

Dados do Ministério da Justiça, colhidos em delegacias policiais, indicam que no Brasil ocorrem pelo menos duzentos furtos por minuto, mais de três por segundo. Em São Paulo, há um furto de automóvel por minuto.

Enquanto você lia o parágrafo acima, já ocorreram cinquenta furtos no país. Não precisa ir longe. Pergunte, agora, para a sua classe quantos tiveram alguém da família assaltado.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou uma

pesquisa e descobriu que, em 1988, um milhão de pessoas declarou ter sido vítima de agressão física no Brasil. Muitos dos agressores eram policiais.

BICHO-PAPÃO MODERNO

O terrível bicho-papão, a mula-sem-cabeça, as assombrações e outros personagens fictícios que tiraram o sono das crianças por várias gerações perderam seu status. Criança moderna se apavora mesmo é com ladrão, tiroteio e sequestro. Sintonizadas com as notícias sobre violência cotidiana, garotas e garotos das grandes cidades se impressionam com o arrastão do Rio de Janeiro (grupos que, em bandos, assaltam as praias), têm medo dos meninos que fugiram da Febem em São Paulo e tremem ao pensar em rituais satânicos, como o que matou o menino Evandro, em Guaratuba, no Paraná, em abril de 1992.

Em uma pesquisa conduzida em cinco colégios de classe média do Rio de Janeiro, a psicóloga Lenise Maria Duarte Lacerda identificou uma nova e espantosa lista de fobias. Assalto, violência, sequestro e pivetes foram as preocupações mais citadas pelos seus entrevistados de sete a onze anos de idade.

Sempre em contato muito próximo com a realidade desenhada pelas notícias de televisão ou pelas informações violentas colhidas no cotidiano, as crianças expressam seu bicho-papão de diversas formas. “O medo é a principal doença infantil hoje”, afirma José Henrique Goulart da Graça, pediatra do Hospital Miguel Couto, que está concluindo uma pesquisa sobre violência urbana. “Muitas crianças exteriorizam seu medo através de doenças psicológicas, como dor de cabeça, diarreia e gastrite”, diz o médico.

A garota paulista Lua Reis de Gramont, de dez anos, teve sua casa assaltada por um ladrão há um ano que levou o videocassete da família. “Quando ouço a escada de madeira ranger no meio da noite, penso logo que é um bandido”, diz Lua.

Há poucos dias, a casa de Lua foi invadida novamente. Desta vez, eram policiais à procura de pivetes que haviam assaltado um bar. “Fiquei apavorada com aquelas metralhadoras. Às vezes, tenho muito medo das pessoas”, diz Lua, mostrando que nesse caso bandidos e mocinhos podem ser igualmente ameaçadores.

Metade dos entrevistados pela psicóloga Lenise não se sente protegida pelos policiais, reflexo das informações que colhem em noticiários. Além disso, os pais, que no passado eram vistos como invencíveis, personagens capazes de proteger a família, passaram a integrar o exército das vítimas do medo.

Apavorados, adultos e crianças acabaram desenvolvendo técnicas para se defender das ameaças do dia-a-dia. As recomendações, que antigamente se resumiam a não falar com estranhos, nem aceitar doces na porta da escola, hoje estão mais complexas.

Pré-adolescentes são proibidos de sair de casa sozinhos, de abrir os vidros do carro e de ostentar tênis novos e relógios. “Quando saio de casa sem adultos, só ando em bando”, diz a estudante paulista Júlia Guimarães, de doze anos. Toda a família de Júlia utiliza precauções rígidas. Seus primos, Joana Moncau, de onze anos, e Gustavo Koester, de treze, usam estratégias como instalar o dinheiro para o lanche no fundo da mochila para evitar preocupações. “Quando era pequeno pensava em monstros e não conseguia dormir. Agora tenho medo é de pessoas reais”, diz Gustavo.

Ladrões e sequestradores passaram a ser responsáveis por boa parte das fobias (medos) infantis. O temor a eles pode empalidecer medos considerados clássicos da infância como o pavor do escuro e das assombrações. “Sei que monstros não existem. O que me preocupa são os ladrões de tênis”, diz Danilo Viana de Azevedo, de doze anos.

Revista Veja

MULHERES APRENDEM A ATIRAR

Atirar é prática bem mais séria, mas as mulheres parecem dispostas a se familiarizar com esse objeto do qual, a princípio, morrem de medo: o revólver.

— Elas chegam de pernas e mãos bambas, sem nunca terem segurado antes uma arma — conta o instrutor Neville Proa, da Academia de Tiros Hollow Point, no Rio de Janeiro.

Ele explica que a maioria já passou por alguma situação de risco e

lamenta que só após serem assaltadas ou terem algum membro da família sequestrado recorrem às academias. Ele explica que atirar em alvo parado é fácil, mas em pessoas em movimento é outra história.

Paulo César Homem, dono da academia Bullit, acha que hoje todos devem cuidar de sua segurança, mas assegura que não tem qualquer intenção de formar levas de “rambos”.

— É importante que tanto o homem quanto a mulher que usam arma saibam portá-la para não pôr em risco quem está ao redor — adverte o instrutor.

Uso minha arma apenas para assustar aqueles que me ameaçam — explica Giselle Laffrond, de vinte anos.

O Globo

▪ Um Vietnã em dois anos

Já se fala que a violência atingiu um nível tão alarmante que o Brasil viveria uma guerra civil. Uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde revelou que, em 1990, pelo menos três pessoas foram assassinadas por hora pelos mais diferentes motivos.

Isto significa que se mata aqui, em dois anos, mais do que o total de soldados norte-americanos mortos durante toda a guerra do Vietnã. Lá morreram 48 mil americanos. Aqui, são mais de 26 mil assassinatos por ano.

Para se ter uma ideia da dimensão dessa guerra, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e Procuradoria-Geral da República prepararam, em 1992, um relatório sobre a violência policial em São Paulo.

Em 1981, a Polícia Militar de São Paulo matou trezentas pessoas. Em 1988, registrou-se pouca alteração: 294. Mas em 1991 houve um extraordinário salto, chegando a 1140. Nos primeiros seis meses de 1992 foram 752. Isso dá uma média de 125 mortes a cada mês.

O documento faz uma comparação que torna esses números ainda mais impressionantes. É claro que você já viu filmes policiais que têm como cenário Nova York, a cidade mais importante e populosa dos Estados Unidos. São tantos filmes e tão violentos, que alguém menos informado pode pensar que lá só tem tiroteio.

De fato, a polícia de Nova York é considerada uma das mais duras dos Estados Unidos. Só que eles matam, em média, 31 pessoas por ano, menos de um quarto do que a PM paulista mata em um mês.

▪ Criança vira personagem de guerra

Na década de 80, começou a se descobrir que não eram apenas adultos as vítimas dessa verdadeira guerra civil.

Em 1989, uma pesquisa revelou que a cada dois dias uma criança era assassinada por policiais ou por grupos de extermínio formados por seguranças particulares contratados por empresários.

As vítimas foram apontadas como meninos de rua, acusados de marginais e sumariamente executados. Um levantamento realizado pela Universidade de São Paulo (USP) sobre o perfil da vítima mostra que a maioria trabalhava e não tinha envolvimento com drogas. Isso significa que eles foram mortos só porque alguém achou que estavam fazendo algo errado.

Essas revelações chocaram o Brasil e até mesmo o mundo, provocando indignação internacional. Inúmeros documentos produzidos no exterior referiam-se à violência contra a criança.

As revelações serviram para mostrar que, apesar de o país ser democrático, não garante o direito mais elementar de um indivíduo, o direito à vida.

A democracia é mais civilizada do que a ditadura, porque todos — do presidente ao menino de rua — deveriam ter seus direitos assegurados.

Isso é o que pomposamente se chama **Estado de Direito Democrático**. É o que garante a você andar na rua e não ser preso, se não tiver feito nada de errado.

As revelações sobre assassinatos também chocaram o mundo por mostrar a brutal diferença entre as intenções e a realidade. Em 1988, os deputados e senadores redigiram uma nova Constituição, onde estão nossos direitos. No artigo 227 está escrito: *É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à saúde, à alimentação, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão.*

Para dar vida a essas palavras, o Congresso aprovou o Estatuto da Criança e do Adolescente. Esse documento estabeleceu detalhadamente o papel do Estado, da família e da sociedade.

Sensível ao Estatuto e impulsionado pela indignação, um grupo de parlamentares resolveu, em 1991, criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar denúncias de violência contra crianças.

A sigla CPI se tornou conhecida. Foi uma CPI, criada no Congresso em 1992, que investigou a corrupção e acabou produzindo a queda do então presidente Fernando Collor. Sua função é esclarecer problemas, revelar as causas e propor soluções. Essas comissões são habituais no Congresso, nas Assembléias Legislativas (Estados) e Câmaras Municipais (municípios).

De posse das denúncias colhidas, a Procuradoria-Geral da República — ou entidades responsáveis pela fiscalização da lei nos Estados e municípios — aciona a Justiça para as devidas punições.

A CPI do Extermínio, como foi batizada pela imprensa, mostrou que a situação era pior do que se imaginava. Àquela altura, não era mais um assassinato a cada dois dias, mas quatro por dia.

No relatório final, a CPI exibiu testemunhos de maus-tratos e torturas.

Constatou também a impunidade de quem praticou **arbitrariedades**, palavra que indica o ato de se tomar uma decisão sem respeitar a lei.

Há indicações de que o quadro piorou ainda mais depois daquela investigação no Congresso. Em 1992, outra CPI, desta vez na Câmara Municipal de São Paulo, investigou o assassinato de crianças e adolescentes na cidade. Revelou que no ano anterior foram mortas quase duas crianças por dia, apenas no município de São Paulo.

POLÍCIA ATIRA PARA MATAR

Os homicídios constituem 50,6% das mortes violentas de nossas crianças. Os exames dos laudos cadavéricos (com informações sobre o morto) que nos foram enviados demonstram que elas têm sido vítimas de extermínio. Os tiros são disparados na cabeça, em lugares letais, muitas vezes pelas costas e à queima-roupa.

Elas têm sido exterminadas por policiais militares, grupos de extermínio, comandados por comerciantes e lojistas da periferia, e por integrantes de quadrilhas.

A ação da Polícia Militar demonstra que os policiais estão despreparados para lidar com crianças e desconhecem o Estatuto da Criança e do

Adolescente. Mais do que isso, cada vez mais se tem notícias de tortura através de técnicas mais aperfeiçoadas.

Além do mais, o exame dos laudos provou que os policiais militares, quando há resistência na hora da prisão, disparam suas armas em lugares letais e não de forma a apenas imobilizar o indivíduo. Costumam retirar suas vítimas do local do crime para dificultar as investigações, levando-as em seguida, se ainda não estiverem mortas, para a viatura, dando voltas pela cidade até que faleçam. Levam-nas posteriormente aos hospitais públicos com o intuito de “socorrê-las”.

Ao contrário do que se esperava, 91,76% das crianças e adolescentes mortos em São Paulo em 1991 não eram meninos de rua, mas estudavam ou trabalhavam.

Outra grande aliada da violência é a impunidade. Verificou-se que a sistemática utilizada para a investigação e punição dos criminosos está estabelecida de forma a impossibilitar a fiscalização de quem quer que seja.

Das 674 ocorrências de morte, apenas 335 chegaram à Justiça. Os inquéritos policiais ficam arquivados nas próprias delegacias, sem chegar a nenhuma conclusão.

Trecho do relatório final da CPI da Câmara Municipal que investigou violência contra crianças e adolescentes em São Paulo.

VIDA IMITA ARTE

Fernando Ramos da Silva morreu em 27 de agosto de 1987 como milhares de meninos de rua — assassinado. Mas com uma diferença: sua morte foi comentada nacional e internacionalmente. Ele foi a estrela do filme *Pixote*, do cineasta Hector Babenco, onde encenava justamente um menino de rua.

O caso, evidentemente, ganhou repercussão: os policiais que o assassinaram foram suspensos. Houve uma investigação minuciosa. Descobriu-se, então, que *Pixote*, um menino pobre que morava na periferia de São Paulo, vinha reclamando estar sendo molestado por policiais depois de virar estrela cinematográfica. Era mesmo ameaçado

de morte.

Alegou-se, como de costume, que houve troca de tiros. Só que seu corpo estava cravejado por seis tiros que vieram de cima.

Em outras palavras, ele estava deitado ou ajoelhado. Uma testemunha ouviu pixote implorar:

— Não me mate. Tenho uma filha para criar.

Mesmo com a revelação desses detalhes, os policiais foram brindados com manifestações de simpatia. Ganharam flores de habitantes e comerciantes de Diadema, onde Pixote morava. Foram espalhadas faixas pelas ruas, onde se lia:

— Pixote era bandido. A sociedade agradece à polícia.

A guerra dos meninos, Gilberto Dimenstein

▪ O policial que gostou do incêndio

Apesar das impressionantes revelações, pesquisas de opinião pública mostram que a maioria dos brasileiros está insensível à violência contra a criança carente.

Muitos não admitem publicamente, mas, no fundo, concordam com o extermínio. Supõem que, assim, estariam mais seguros. Dissemina-se o preconceito: passa-se a ver toda e qualquer criança de rua como marginal ou necessariamente candidato a marginal.

Esse clima de insegurança fez com que a maioria da população defendesse a pena de morte ou exigisse que Marinha, Aeronáutica e Exército saíssem dos quartéis, tomando conta das ruas. Essas pessoas nem se dão conta de que é algo parecido a culpar o termômetro pela febre. O termômetro mede o efeito da doença.

Em outubro de 1992, ocorreu em São Paulo uma cena que mostra com perfeição esse clima. Rebelados, garotos colocaram fogo nas instalações da Febem (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor), destinada a infratores. Do lado de fora, um policial satisfeito com as chamas comentou na

frente dos repórteres:

Deixa pegar fogo. Tô adorando. Dá até para fazer churrasquinho.

Reclamando de maus-tratos, dezenas de garotos fugiram. Muitos deles, sem ter para onde ir, acabaram na Praça da Sé, bem no centro da cidade. A maior cidade da América Latina ficou literalmente aterrorizada. Foi ali que se captou uma das faces mais simbólicas da infância brasileira.

Chorando diante dos policiais, com lágrimas escorrendo pelo rosto, um garoto chupava chupeta. Nos dedos, tinha um cigarro. Viver na rua é aprender a ser adulto antes do tempo, misturar chupeta com tragada de cigarro.



▪ Paz social

Está provado, porém, que a violência só gera mais violência. A rua serve para a criança como uma escola preparatória. Do menino marginal, esculpe-se o adulto marginal, talhado diariamente por uma sociedade violenta que lhe nega condições básicas de vida.

Por trás de um garoto abandonado existe um adulto abandonado. E o garoto abandonado de hoje é o adulto abandonado de amanhã. É um círculo vicioso, onde todos são, em menor ou maior escala, vítimas. São vítimas de uma sociedade que não consegue garantir um mínimo de paz social.

Paz social significa poder andar na rua sem ser incomodado por pivetes. Isso porque num país civilizado não existe pivete. Existem crianças desenvolvendo suas potencialidades. Paz é não ter medo de sequestradores. É nunca desejar comprar uma arma para se defender ou querer se refugiar em Miami. É não considerar normal a ideia de que o extermínio de crianças ou adultos garanta a segurança.

Entender a infância marginal significa entender por que um menino vai para a rua e não à escola. Esta é, em essência, a diferença entre o garoto que está dentro do carro, de vidros fechados, e aquele que se aproxima do carro para vender chiclete ou pedir esmola. E esta é a diferença entre um país desenvolvido e um país de Terceiro Mundo.

É também entender a História do Brasil, marcada por um descaso das elites em relação aos menos privilegiados. Esse descaso é simbolizado por uma frase que fez muito sucesso na política brasileira:

Caso social é caso de polícia.

A frase surgiu como uma justificativa para o tratamento dado ao trabalhador no começo do século. Em outras palavras, é a mesma postura que as pessoas assumem hoje em relação à infância carente e aos meninos de rua.

▪ A origem na escravidão

Nossa história está marcada pela violência dos poderosos contra os mais fracos. Ela se inicia com o massacre de índios, que até o descobrimento não sabiam o que era fome e desigualdade social. Até hoje, entre os índios não se conhece a figura do menor abandonado. Mas eram vistos pelos colonizadores como seres inferiores.

Para o colonizador português, os índios eram preguiçosos. E o Brasil entrou

na rota da escravidão negra. O escravo não era, juridicamente, considerado ser humano, apenas um *instrumentum vocalis*, que em latim significa instrumento que fala.

Escravo era coisa, não gente. O Brasil foi a última nação independente a acabar com a escravidão. Isso deixou marcas profundas na cultura nacional, na forma de as pessoas encararem o mundo. É um dos ingredientes para se entender como ainda hoje são cometidos tantos assassinatos no campo, em sua maioria impunes. No século passado, o marquês de Maricá, que foi senador e ministro, dizia:

Veja como a sociedade é bela. Fez os homens de pele branca para repousar à sombra e os de pele negra para labutar ao sol.

A nobreza portuguesa, instalada aqui, estimulou a vinda de europeus, para, entre outros motivos, “embranquecer o sangue do povo brasileiro”.

Historicamente a questão do menino de rua aparece como consequência direta da escravidão. Em 1906, o chefe de polícia do Distrito Federal (Rio de Janeiro) já se mostrava incomodado:

Existem nesta capital, disseminados por todos os pontos, numerosos menores do sexo masculino que, sem amparo e proteção, sem recursos, portanto, que lhes proporcionem subsistência, entregam-se à prática de delitos e vícios.

Esses meninos eram os filhos de escravos. Por falta de instrução e qualificação, eles tinham dificuldades para encontrar espaço no mercado de trabalho. O ensino básico era ainda mais limitado do que atualmente.

Era tamanha a dificuldade que, em 20 de junho de 1888, pouco mais de um mês após a promulgação da Lei Áurea, que libertou os escravos, o Parlamento assinava o decreto de *Repressão à Ociosidade*. Esse decreto visava a atacar os “vadios” de rua.

A saída apresentada para a infância carente era o isolamento. Junto com o decreto, foram criados **asilos correccionais** para crianças e adolescentes. Os números de indivíduos aprisionados, em sua imensa maioria negros, mostra que crianças e adolescentes foram levados à delinquência. No Rio, houve época em que se prenderam mais crianças do que adultos.

Uma das heranças da escravidão é o preconceito contra negros e mulatos, cuja imagem, entre policiais e parte da população, é ligada à delinquência. Um policial em São Paulo chegou a dizer:

Para mim, todo negro em carro novo é suspeito. E se correr, eu atiro.

Preparado pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), um documento sobre violência policial prova o preconceito contra negros:

Qualquer um que já tenha presenciado uma batida policial sabe que negros e mestiços são revistados e agredidos pela polícia, numa porcentagem claramente superior à sua presença relativa na população.

MATADOR DE ALUGUEL

Contratar um assassino no Brasil pode ser uma tarefa mais simples do que fazer compras ou engraxar os sapatos. Em menos de três horas, no centro de Goiânia (GO), a reportagem da Folha de S. Paulo simulou a contratação de dois pistoleiros para cometer supostos assassinatos. A negociação de cada acerto durou menos de cinco minutos.

Os dois matadores se identificaram como policiais e se apresentaram pelos apelidos de Rubão e Cabo. O preço cobrado não apresentou grande variação. Enquanto Rubão pediu Cr\$ 11 milhões para cometer o crime em Brasília, Cabo fixou o serviço em Cr\$ 10 milhões (pelo dólar, a variação seria de US\$ 650 para US\$ 700).

Este é o preço dos pistoleiros de Goiânia para assassinar uma “pessoa comum”, segundo revelaram os dois matadores abordados pela reportagem. Rubão deixou claro que se o alvo fosse uma “pessoa importante”, como um político, padre ou milionário, o preço poderia até triplicar.

Na região do Bico do Papagaio, que compreende o norte do Estado de Tocantins, sul do Pará e sudoeste do Maranhão (região de conflitos de terras), o preço da vida humana é ainda menor.

A Folha apurou junto à polícia e a pistoleiros locais que a tabela dos matadores varia de Cr\$ 2 milhões a Cr\$ 3 milhões por uma “vítima comum”, ou seja, cerca de US\$ 100. Para uma “pessoa importante”, até US\$ 600.

Folha de S. Paulo

“ESCRAVO” CUSTA US\$ 300 NO SUL DO PARÁ

É possível contratar trabalho “escravo” por telefone no Brasil .

Um fazendeiro paulista mostrou à Folha como é fácil fazer o acerto com empreiteiros de trabalho em fazendas no sul do Pará. Ele ligou, às 19h30 do dia 20, para o maranhense Adão dos Santos Franco, em Santana do Araguaia (700 km ao sul de Belém). Com cem ou 120 “peões” recrutados no Nordeste ou Goiás, Franco garantiu desmatar 250 alqueires em São Félix do Xingu cobrando US\$ 300 por alqueire ou o equivalente em arroba de boi.

Na conversa por telefone, o fazendeiro usou um nome fictício (João Monteiro Neto), dizendo ser conhecido de um ex-cliente de Franco — Tarley Euvécio Martins, gerente da fazenda Santo Antônio do Indaiá, no município de Ourilândia do Norte. Lá, em julho de 91, a Polícia Militar libertou 16 “trabalhadores escravizados”, segundo a Polícia Federal, por “seguranças” de Adão Franco.

Fugas

Segundo Franco, o serviço prestado ao fazendeiro paulista seria realizado com um esquema de segurança para impedir fugas. O transporte dos “peões” seria com dois ou três ônibus fretados para passar pelas barreiras policiais nas estradas. Essa é uma nova forma para transportar “escravos”. Antes eles eram levados em caminhões de bois.

O novo sistema de transporte foi adotado depois que se intensificaram na região denúncias sobre trabalho forçado feitas pela CPT (Comissão Pastoral da Terra), ligada à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Os casos denunciados pela CPT levaram a OIT (Organização Internacional do Trabalho) a incluir o Brasil, no início do mês, entre os nove países do mundo com sérios problemas de trabalho escravo. Foram 16442 pessoas escravizadas, em 92, segundo o relatório da CPT.

As denúncias sobre trabalho escravo começaram, em 83, pelo sul do Pará, área de expansão rural que se tornou um dos maiores palcos de conflitos fundiários do país. Mas o relatório de 92 aponta que o Pará, com 165 casos, já perdeu o título de “campeão nacional de escravos”.

As fazendas também deixaram de ser as principais “senzalas”. Em Mato Grosso do Sul, a CPT registrou 8235 escravos em carvoarias. A prática criminosa, segundo a CPT, foi constatada também em Estados de regiões mais desenvolvidas, como no Rio Grande do Sul, onde foram registrados 3450 escravos.

Roteiro para discussão

1. Comprar uma arma e aprender a atirar resolve o problema da violência diária que a população enfrenta?
2. A pena de morte seria uma solução?

REND A



▪ O preço de um cheeseburger

Você entra numa lanchonete. Pede cheeseburger, refrigerante, batata frita e um sorvete. No McDonald's, por exemplo, isso custaria uns 5 dólares. (Por causa da inflação, vamos usar sempre o dólar americano como referência de preço). Parece um lanche simples e barato. Mas talvez você não tenha ideia do que significam cinco dólares para a imensa maioria dos brasileiros.

O Brasil entrou na década de 90 com uma população de 146 milhões de habitantes, segundo o IBGE. Desse total, 64,5 milhões vivem abaixo da linha de pobreza.

Mas o que é pobreza? É considerada pobre a família com rendimento *per capita* igual ou inferior a meio salário mínimo. A expressão *per capita* quer dizer *por cabeça* em latim. É importante saber o que ela representa, para que você entenda conceitos básicos sobre a realidade social.

Imagine uma família em que apenas o pai trabalhe e ganhe por mês o equivalente a 100 dólares. Com esse dinheiro ele precisa sustentar a mulher e dois filhos. Para saber a renda *per capita* dessa família, basta uma conta simples. Dividindo 100 dólares por quatro, dá 25 dólares.

Agora, mais um passo. O salário mínimo no Brasil vale, em média, 60 dólares. Essa família é, portanto, considerada pobre, porque a renda *per capita*, ou seja, de cada pessoa, é inferior a meio salário mínimo. Faça a conta em sua casa. Pergunte ao seu pai e à sua mãe, caso ela trabalhe fora, quanto eles ganham. Depois, divida pelo número de pessoas de sua família. Certamente, você estará acima dessa linha.

Aqui, já podemos fazer a primeira comparação. Cada membro da família, cuja renda *per capita* é de 25 dólares, teria condições de fazer apenas cinco lanches de 5 dólares.

Lembremos ainda que eles têm de pagar aluguel, transporte, roupa, remédio e contas de água e luz, além de comprar comida para o resto do mês. Para fazer cinco cheeseburgers durarem trinta dias, repartidos no café, almoço e jantar, eles teriam de fazer o milagre da multiplicação dos pães, como Jesus Cristo.

▪ A diferença entre pobre e indigente

Por incrível que pareça, entre os 64,5 milhões de brasileiros que estão abaixo da linha de pobreza, há os privilegiados. Desse total, 33,7 milhões são indigentes. Estatisticamente, são consideradas indigentes famílias com rendimento *per capita* igual ou inferior a um quarto do salário mínimo.

Se o salário mínimo é de 60 dólares, um quarto corresponde a 15 dólares. Isso significa que cada integrante da família poderia fazer só três daquele lanche do McDonald's por mês.

No Brasil, a miséria não é dividida igualmente. Há regiões piores e melhores. É o que se chama de desigualdade regional. No Nordeste, 29,9 milhões estão abaixo da linha de pobreza. Desses, 18,9 milhões (58%) são indigentes. Os números são menos graves no Sudeste, que é mais desenvolvido. Nessa região, 19 milhões de pessoas estão abaixo da linha de pobreza, sendo 7,7 milhões indigentes.

▪ Um país jovem

É comum dizer que o Brasil é um país jovem, o que revela importância ainda maior do problema da infância e da adolescência.

Nos Estados Unidos e na Suécia, respectivamente, 31,2% e 26,2% da população tem até 18 anos. No Brasil, essa faixa etária é de 41,9%. Enquanto 16% dos americanos e 22,2% dos suecos passaram dos 60 anos, apenas 6,5% dos brasileiros chegaram a essa idade.

Usando como referência a medida de pobreza que acabamos de ver, onde estão nossos jovens? Em 1990, 53,5% deles viviam em famílias com renda *per capita* de menos de meio salário mínimo.

É difícil encarar os problemas através de frias porcentagens. O que seriam, na prática, 53,5%? Em números absolutos, representam 32 milhões de pessoas, o que também não diz muita coisa.



O Maracanã, maior estádio de futebol do mundo, poucas vezes ficou completamente lotado em toda a sua história. Seriam necessários duzentos estádios iguais ao Maracanã para acomodar 32 milhões de pessoas.

Essa sólida massa de jovens carentes também não é dividida igualmente. No Sudeste, região mais desenvolvida, 38,5% das crianças e jovens estão abaixo da linha de pobreza. No Nordeste, onde estão os Estados mais pobres, essa taxa sobe para 77,5%. Isso significa que, de cada dez crianças nordestinas, apenas duas poderiam fazer aquela refeição no McDonald's mais de cinco vezes por mês.

▪ Injustiça de uma pizza

Imagine uma pizza que seria servida para quatro pessoas. O garçom não tem dificuldades. Com apenas dois cortes na massa, ele dará um pedaço igual para cada um. Mas suponha que um deles fique com três pedaços. Os outros três teriam que se contentar com uma parte menor. Essa pizza vai nos ajudar a entender a pobreza no Brasil.

Um indivíduo de família indigente só poderia fazer a refeição que demos como exemplo (cheeseburger, batata frita, refrigerante e sorvete) três vezes por mês. Mas há pessoas de famílias mais ricas capazes de comprar o mesmo lanche três vezes por segundo e ainda continuar com muito dinheiro no bolso.

O Brasil é identificado internacionalmente como um dos países de pior distribuição de renda no mundo. Isso significa que um número muito pequeno de indivíduos fica com a maior fatia da pizza, enquanto a maioria tem de se contentar com a porção menor.

▪ O que é PIB

O conceito de distribuição de renda fica mais claro quando você descobre o que quer dizer uma sigla que aparece sempre nos jornais, o PIB. Significa Produto Interno Bruto e mede tudo o que um país produz durante um ano, desde carros, bicicletas e prédios a roupas e alimentos. O PIB está para a riqueza de um país como uma balança está para o peso.

O PIB inclui também o que se convencionou chamar de serviços. Portanto é contabilizado o trabalho do jardineiro, do médico, do dentista, etc. Esses profissionais não entregam um produto, mas cobram um valor pelo serviço prestado, gerando uma renda.

Para se fazer uma bicicleta, é necessária uma fábrica. E para a fábrica funcionar, precisa de trabalhadores, que ganham salário. Cada trabalhador recebe um salário para produzir uma bicicleta, assim como os que fazem carros, roupas, alimentos ou jardineiros, médicos e dentistas. Todos eles ficam com um pedaço da renda nacional.

Claro que não é só o operário que ganha dinheiro com a bicicleta. Na fábrica existem executivos e outros cargos. E, geralmente, quem ganha mais é o dono da fábrica. É ele quem fica com o pedaço maior da pizza.

O problema não é o dono e os executivos ganharem mais do que os operários. O problema existe quando eles ganham várias vezes mais. E aí temos uma sociedade onde uma minoria tem mais de cinco carros na garagem, casas na praia e no campo e viaja várias vezes por ano. Enquanto isso, a maioria fica

sem dinheiro para comer ou morar com o mínimo de dignidade.

▪ **Distribuição desigual**

O nível de concentração de renda é calculado periodicamente no Brasil. Em 1990, 49,7% da pizza estava com apenas 10% dos brasileiros mais ricos. Enquanto isso, os 80% mais pobres ficavam com 33,9%.

Existem os privilegiados entre os mais ricos. Constatou-se que 1% ficou com 14% de toda a renda. E há também os mais prejudicados entre os pobres. A metade deles (50%) teve que dividir um pedacinho de 11,2% da pizza.

Agora, vamos ver como anda a distribuição de renda em outros países. No Japão, os 10% mais ricos ficam com 22,4% da renda nacional. Na Suíça, 10% de cidadãos privilegiados têm 23,7% e, nos Estados Unidos, os 10% mais ricos controlam 23,3%. Quanto mais atrasado é um país, a tendência é que essa diferença seja maior.

Atualmente, o conceito de democracia significa não apenas direitos políticos iguais (direito de voto, por exemplo), mas também maior acesso à renda nacional. Isso garantiria maiores condições de igualdade. É o que se chama de justiça social, condição para a cidadania.

▪ **A empregada e o patrão tratados de modo igual**

Existem várias formas para reduzir os desequilíbrios entre as pessoas. Os sindicatos de trabalhadores, em suas negociações com os patrões, se esforçam cada vez mais para que os salários sejam maiores.

Outra forma é o governo cobrar mais impostos de quem ganha mais e aplicar esse dinheiro em escolas, hospitais, projetos de irrigação, etc.

Em determinadas circunstâncias, uma pessoa com salário baixo pode desfrutar de um nível de vida superior ao de alguém que ganha mais. Basta que ela tenha acesso à educação, à saúde e ao lazer gratuitos.

No Brasil, existem grandes distorções na área de impostos, o que só agrava a desigualdade na distribuição de renda. Uma parte do imposto cobrado é indireto, ou seja, está embutida no preço das coisas que compramos.

Quando vai ao supermercado comprar um quilo de café, o consumidor está pagando o custo do produto pago ao agricultor, a mão-de-obra, a energia

despendida no beneficiamento e o lucro do empresário. Outro item que encarece o café é o imposto.

Ao comprar um simples chiclete, você está pagando em média 30% de imposto, que será repartido entre a Prefeitura, o Estado e a União, que é o governo federal.

Tanto a empregada doméstica como o patrão tomam café e pagam o mesmo imposto. É o que se batizou de imposto regressivo. No imposto progressivo, quem ganha mais paga mais.

▪ Sonegar é para poucos

Existe mais um complicador: a sonegação. É outra palavra que aparece todos os dias nos jornais. Não é para menos. Segundo estimativa do Ministério da Fazenda, responsável pela arrecadação de impostos através da Receita Federal, a sonegação pode chegar a 50%. Isto quer dizer que deixam de ser pagos metade dos impostos devidos.

Mas o trabalhador não sonega. O motivo é bem simples: o imposto é descontado automaticamente do salário. São os empresários que têm condições mais favoráveis para sonegar. Alguns fazem isso porque não vendem bem e não têm como pagar. Outros sonegam porque querem ganhar o máximo possível, nem que para isso precisem burlar a lei.

A maioria não sabe, mas um trabalhador de classe média paga, em impostos diretos e indiretos, cerca de 40% de seu salário. É como se ele trabalhasse de graça quase cinco meses por ano.

As pessoas, em geral, não querem pagar impostos. Gostariam de ficar com o dinheiro para trocar de carro, reformar o apartamento, ter mais comida na geladeira. Mas aí surge outro problema: o dinheiro do imposto está bem empregado? Se estivesse, as pessoas se conformariam. Afinal, estariam colaborando e desfrutando da melhoria da comunidade.

Não é exatamente o caso brasileiro, onde sobram desperdício e ineficiência. Basta ver como são atendidas as pessoas em escolas, hospitais e demais repartições públicas. Por isso, se disseminaram as escolas privadas. É também só por isso que as famílias menos pobres fazem seguro médico, para não terem de enfrentar as longas filas dos serviços de saúde pública.

A RICA ECONOMIA INFORMAL

A economia informal (empresas que não pagam tributos), o tráfico, o contrabando, o jogo do bicho, a prostituição e outras atividades ilícitas movimentam o equivalente a US\$ 490 bilhões por ano no sistema financeiro, fora do alcance da Receita Federal (que cobra impostos), graças à segurança da proteção do sigilo bancário — por lei, as contas dos clientes não podem ser reveladas a ninguém.

Esse número estrondoso, maior do que o próprio PIB brasileiro, foi encontrado em um estudo da Receita Federal para detectar o grau de sonegação e inadimplência (o não pagamento de dívidas ao governo) no país.

“Se a Receita Federal tivesse acesso a essa movimentação, a arrecadação aumentaria em US\$ 37 bilhões. Todos os problemas de saúde pública estariam resolvidos, as estradas seriam recuperadas”, sonha o secretário da Receita Federal, Antônio Carlos Monteiro.

Se todos pagassem a carga tributária (volume total de impostos) que em 1991 foi de 21,4% do PIB, ela chegaria a 31% do PIB.

Jornal do Brasil

▪ A importância do orçamento

Os governantes (presidente, governadores e prefeitos) preparam o orçamento para cada ano. Dizem como e onde vão gastar o dinheiro arrecadado do café da empregada, do seu chiclete, do salário de seu pai ou do lucro do empresário.

Depois, o orçamento é enviado ao Congresso, Assembléia Legislativa ou Câmara Municipal para ser aprovado ou rejeitado. Ali os políticos fazem emendas, tentando mudar o destino dos recursos. Aliás, isso costuma gerar muitas brigas, pois cada um tenta favorecer seu eleitorado.

A importância do orçamento é tão grande que o Parlamento surgiu, na Inglaterra, para apreciar o orçamento. Quanto mais evoluído e informado um cidadão, mais e melhor ele acompanha como o governo gasta seu dinheiro.

Quanto mais democrático for um país, mais os governantes se sentem obrigados a explicar como usam o dinheiro público, detalhando suas

prioridades. Governar é escolher prioridades.

E, por fim, quanto melhor for a imprensa, melhor ela investigará os gastos públicos. Conseguirá descobrir desperdícios, coisa abundante na administração pública. Denunciará a corrupção, que ocorre quando o servidor público desvia o nosso dinheiro para o bolso dele e dos amigos.

▪ O gasto social caiu

Quando alguém está preocupado em reduzir as desigualdades sociais, procura saber como vão os gastos sociais. Nesses gastos estão as despesas com saúde, educação e alimentação gratuita para os carentes.

Entre 1989 e 1991, o gasto social da União caiu cerca de 19%. É algo particularmente preocupante. Nesse período, com o agravamento da crise econômica, a miséria aumentou. Não apenas mais pessoas estão querendo cobertor, mas o cobertor está menor. Essa situação tem implicações diretas nos 32 milhões de jovens miseráveis capazes de lotar duzentos estádios como o do Maracanã.

Roteiro para discussão

1. Se o PIB *per capita* do Brasil foi de US\$ 2680, em 1991, por que 64,5 milhões de brasileiros estão abaixo da linha de pobreza?
2. Que relação existe entre democracia e renda?

MORTALIDADE INFANTIL



▪ As aparências enganam

Para descobrir a riqueza econômica que uma nação produz, procure conhecer o tamanho de seu PIB. É como se você colocasse alguém em cima da balança para saber se está engordando ou emagrecendo.

Se quiser saber se um país está ficando mais ou menos pobre, veja se o seu PIB está diminuindo ou aumentando. O PIB é o tamanho da pizza. É, portanto, o referencial decisivo. Sem conhecê-lo, dificilmente você conseguirá acompanhar os grandes debates nacionais.

Todos os dias, a sigla aparece nos jornais como referência para as mais variadas coisas. Para demonstrar quanto um país investe em pesquisa científica, informarão quanto do PIB se gasta nessa área. E para dizer se uma nação gasta pouco ou muito em armamentos militares, darão sua proporção

em relação ao PIB.

O PIB serve também como unidade para comparar a riqueza produzida pelos países. Mas, cuidado! Visto isoladamente, pode levar a equívocos. Vamos supor que alguém perca 15 quilos em um mês.

É muito ou pouco? A resposta: depende. De quê? Depende de quanto ele pesava. Óbvio. Se ele tinha 150 quilos, perdeu apenas 10% do seu peso. Seu regime terá um longo caminho pela frente. Se ele pesava 80 quilos, emagreceu quase 20%, o que é mais expressivo.

▪ O PIB per capita

Como a comparação com a produção é limitada, pois não leva em conta o tamanho da população, costuma-se usar um indicador mais detalhado. É o PIB *per capita*, que mostra melhor o grau de desenvolvimento de um povo.

Uma coisa é dividir uma pizza entre duas pessoas e outra, quando se reparte a mesma pizza para 20 pessoas. E quando dividimos a produção de um país pelo número total de habitantes, temos o PIB *per capita*.

Em 1991, nosso PIB *per capita* era oficialmente de US\$ 2680, o que significa um quarto do preço do carro mais barato da Fiat. Estávamos bem melhores do que países africanos como Moçambique, cujo PIB *per capita* era de US\$ 80, e Etiópia, com US\$ 120.

Mas ficamos bem longe da faixa dos países desenvolvidos. No mesmo ano, no Japão, o índice era de US\$ 25430. O campeão era a Suíça, com 6,8 milhões de habitantes: US\$ 32680. Com esse dinheiro, daria para comprar umas cinquenta passagens de ida e volta para a Disneylândia, saindo de São Paulo ou do Rio.

Os Estados Unidos, com o maior PIB do mundo (US\$ 4,4 trilhões), têm o índice *per capita* de US\$ 21790. Isto acontece porque lá o número de habitantes é maior.

▪ A ilusão dos números

Se isoladamente o PIB não dá a dimensão dos problemas de um país, o PIB *per capita* também está longe de ser satisfatório.

Durante muito tempo, especialmente no regime militar, os políticos

brasileiros orgulhavam-se de que o Brasil tinha o oitavo PIB do mundo. Com a crise econômica, o país passou para o décimo primeiro lugar.

Porém, ninguém teria motivo para tanto orgulho se confrontasse os dados com indicadores sociais. Precisamos saber se o povo está vivendo em melhores condições com o aumento do PIB. Sendo mais claro: não interessa saber se em vez de dez, o país está produzindo 100 pizzas. É importante ver se todo mundo está comendo bem.

Há uma série de estatísticas que mostra a diferença entre desenvolvimento econômico e social. A mais reveladora delas é a taxa de mortalidade infantil.

Ela retrata as condições de saúde de um povo. E tem muito a ver com nutrição, educação, saneamento básico (água e esgoto) e habitação. Esses dados dão uma ideia do poder aquisitivo da população. Aqui, podemos ver nitidamente por que o orgulho com o PIB brasileiro não tem muito sentido.

▪ A verdade na mortalidade infantil

Já vimos que, em 1991, a renda *per capita* do brasileiro era de US\$ 2680. Agora, preste atenção na renda de outros países:

País..... Renda per capita

Paraguai..... US\$ 1110

Tunísia..... US\$ 1420

China..... US\$ 370

Cuba..... US\$ 1170

Costa Rica..... US\$ 1910

Fonte: Banco Mundial

A partir daí, fazemos a seguinte pergunta:

Onde deveria ser menor a mortalidade infantil?

O MILAGRE CEARENSE

O Ceará não é um país. Mas, com seis milhões de habitantes é mais populoso do que Honduras, El Salvador, Costa Rica, Dinamarca ou Noruega.

De 1986 a 1990, o Ceará reduziu em um terço sua taxa de mortalidade infantil, cortou em um terço o número de mortes causadas por doenças diarréicas, elevou em até 40% seus níveis de vacinação e reduziu em um terço as taxas de desnutrição infantil.

O Ceará não apresenta nenhuma vantagem especial. Quase dois terços de sua população vivem abaixo da linha de pobreza. Mas apresenta uma forte vantagem: seus líderes estão política e pessoalmente envolvidos nessa tarefa. Nos países onde existe esse compromisso, há meios para revolucionar o setor de saúde infantil a custos viáveis.

Em primeiro lugar, foram realizadas pesquisas que apontaram a situação das crianças no Estado, revelando que as principais causas das mortes infantis eram as doenças diarréicas e a pneumonia. Constatou-se que 28% das crianças estavam desnutridas. Mais da metade das crianças que morriam jamais eram assistidas por um agente de saúde.

Em seguida, criou-se um sistema para acompanhar as modificações, de modo a medir o progresso e a dirigir os recursos para as áreas mais necessitadas.

Era uma prioridade permitir que as informações básicas sobre saúde alcançassem todas as famílias — como a importância do aleitamento materno, a necessidade de vacinação, e como prevenir e tratar doenças.

Mas, como em muitas outras partes do mundo, os serviços de saúde não tinham meios de alcançar sistematicamente seis milhões de pessoas. O governo estadual decidiu, então, recorrer à Igreja, às organizações não-governamentais, aos meios de comunicação de massa, aos empresários. Os empresários, por exemplo, fizeram publicar mensagens sobre aleitamento materno nos extratos bancários.

A seca de 1987, no início um retrocesso, foi transformada em vantagem. Em vez de utilizar o programa usual de empregos de emergência, o governo abriu seis mil frentes de trabalho para mulheres pobres, que seriam treinadas como agentes comunitárias de saúde.

Após a seca, 1700 das mulheres que apresentaram melhor desempenho foram submetidas a novo treinamento. O número de mulheres no programa aumentou para 2900, cada uma delas atendendo cerca de 100 famílias.

Texto publicado no relatório do Unicef sobre a Situação Mundial da Infância em 1992.

Primeiro, você precisa saber que a taxa de mortalidade infantil é calculada verificando, entre mil crianças que nascem, quantas morrem antes dos cinco anos. Então, essa taxa deveria ser menor no Brasil ou nos países onde a renda *per capita* é menor?

No Brasil, a taxa é de 67 por mil. No total, morreram 247 mil crianças naquele ano. É mais do que dois estádios como o do Morumbi, em São Paulo. Agora, compare:

País..... Taxa de mortalidade infantil (%)

Paraguai..... 59

Tunísia..... 58

China..... 27

Costa Rica..... 18

Cuba..... 14

Fonte: Unicef.

A conclusão é óbvia: o Brasil está abaixo de onde poderia estar. Porém, reconhecemos que, nos últimos trinta anos, houve uma evolução no país, resultado de melhores campanhas de vacinação, da descoberta de novos remédios, da melhoria dos serviços de água e esgoto, capazes de evitar a transmissão de germes.

Em 1960, a nossa taxa de mortalidade infantil era de 179. Isso quer dizer que de cada mil crianças que nasciam, 179 morriam antes de completar cinco anos. Mas a evolução, a julgar pelos indicadores econômicos, poderia ser bem

maior.

Constatamos, assim, um sinal de que os governos não investiram como poderiam na área social. Havia recursos para aumentar e melhorar o atendimento médico e a rede de água e esgoto, por exemplo.

O Ceará conseguiu reduzir em 30% a taxa de mortalidade infantil nos quatro anos entre 1986 e 1990. O Estado, que era um exemplo típico da miséria nordestina, teve essa experiência reconhecida internacionalmente como sendo bem-sucedida. Mas, como se chegou a esse resultado?

Foram contratados e treinados agentes de saúde na comunidade. Eles passaram a transmitir noções básicas de saúde e higiene para a população. O que provocou um forte impacto na situação foi só uma coisa: educação.

SALVE A CRIANÇA

Em 1900, de cada mil crianças que nasciam na Inglaterra, pelo menos 154 morriam. Inconformado com essa estatística, um movimento popular sob o lema Salve a Criança recrutou profissionais de saúde, professores, funcionários públicos, entidades religiosas, assistentes sociais e voluntários. O movimento se propagou pela Europa.

Seu principal objetivo era dar às mães informações de saúde necessárias para capacitá-las a melhorar sua própria saúde e a de seus filhos.

Um dos conselhos básicos, por exemplo, era sobre a importância de lavar as mãos, principalmente depois de ir ao banheiro ou de trocar a fralda do bebê, para evitar a disseminação de doenças.

Historiadores da área de saúde creditam a esse movimento, organizado por mães, o principal papel na queda da taxa de mortalidade infantil de mais de 150 para cerca de 60 em cada mil nascimentos, nos primeiros 25 anos deste século.

Nos Estados Unidos, os movimentos populares também exerceram um papel primordial na redução das taxas de mortalidade infantil no início deste século. De acordo com registros oficiais, a taxa de mortalidade infantil em Nova York caiu de 144 em cada mil nascidos vivos, em 1890, para menos de 50, em 1939.

Fonte: Unicef

▪ Vontade política

É rotineiro usar-se a expressão **vontade política**, muito comum nos discursos dos políticos. Indica quando um governante tem uma prioridade de verdade e não apenas de palanque. Vontade de palanque algo muito comum são as promessas feitas por candidatos para ganhar votos e que depois, uma vez eleitos, as esquecem. É o que se chama de **demagogia**.

A mortalidade infantil já mobilizou povos. Mostrou que, com vontade política, é mais fácil reduzi-la. Em 1900, começo do século, a taxa na Inglaterra era de 154 mortes por mil nascimentos. É a taxa, hoje, do Sudão, na África, onde a renda *per capita* é de US\$ 420.

A Inglaterra de 1991, quase 100 anos depois, apresenta uma taxa de nove mortes por mil nascimentos. Mas não está em primeiro lugar. Esse posto cabe à Suécia, com cinco. Depois vêm o Japão, com seis, e a Finlândia, com sete. A pior colocação é a de Angola, na África, com 292. Nessa triste lista, o Brasil aparece em 65º lugar.

O COMÉRCIO DE CRIANÇAS

Duzentos milhões de crianças em todo o mundo são exploradas nos seus empregos, vendidas, usadas para transplantes de órgãos ou submetidas à prostituição, assegura um relatório da Comissão de Direitos Humanos da ONU (Organização das Nações Unidas).

O texto afirma que a exploração no trabalho, as adoções com fins comerciais e a prostituição são os principais dramas que afligem a infância contemporânea, especialmente em países de Terceiro Mundo. Ressalta também que centenas de milhares de crianças são utilizadas como fontes de órgãos para transplantes e até em negócios de pornografia.

Em relação à venda de crianças nas adoções comerciais, o relatório da ONU afirma que numerosas organizações particulares “compram” crianças no Terceiro Mundo para venderem a famílias das nações desenvolvidas, especialmente na Europa e Estados Unidos.

O documento registrou casos desse tipo no Sri Lanka, Malásia, Brasil,

Paraguai, Argentina e México.

O relatório da ONU indica que a Índia ostenta a “duvidosa honra” de ser o país onde mais se realizam transplantes clandestinos de órgãos infantis.

Na Argentina, Peru, Colômbia e Brasil, constataram-se desaparecimentos de crianças e operações cirúrgicas com o objetivo de tirar órgãos para serem vendidos no mercado internacional de transplantes.

A ONU assegura que em hospitais de Buenos Aires comprovaram-se desaparecimentos de córneas. Em Lima (Peru), foram raptadas crianças para lhes extraírem os órgãos. E na Colômbia, numa Faculdade de Medicina, foram usados órgãos com fins comerciais.

O relatório aborda a questão da prostituição infantil. As máfias tailandesas da prostituição recrutam crianças de ambos os sexos que fogem da pobreza rural. “Esse degradante negócio só é possível devido à chegada de contingentes de “turistas sexuais” a Bangcoc (capital da Tailândia), na sua maioria provenientes dos países europeus.

Do Relatório da Comissão de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU)

▪ A distância entre Primeiro e Terceiro Mundo

Não apenas a mortalidade, como os demais indicadores sobre a infância são o melhor meio para se ter uma noção das diferenças entre o Primeiro e o Terceiro Mundo, o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido.

A cada semana morrem, no mundo, 250 mil crianças de menos de cinco anos. Boa parte morre por causa de três males que podem ser evitados: pneumonia, diarreia e sarampo.

Um relatório da Comissão de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) revelou que há duzentos milhões de crianças exploradas no trabalho, submetidas à prostituição ou vendidas em adoções comerciais para famílias ricas. Algumas crianças têm até órgãos de seu corpo retirados e usados para transplantes.

A imensa maioria dessas vítimas está no Terceiro Mundo, onde os indicadores sociais são baixos. Tal situação gera uma discussão muito comum nos jornais: o papel dos países desenvolvidos. Não são poucos os que defendem que os países ricos deveriam liderar a luta contra a miséria nos países atrasados.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) calcula que US\$ 25 bilhões a mais por ano dariam para resolver os problemas de alimentação adequada, água limpa, cuidados primários e educação fundamental de todas as crianças dos países pobres.

Afinal, o que significam US\$ 25 bilhões?

É menos do que os americanos gastam em seis meses com cigarros. É menos do que a Europa Ocidental gasta no mesmo período em bebidas alcoólicas. É aproximadamente o que os países em desenvolvimento gastam num semestre com os salários dos soldados. Por isso, espalha-se pelo mundo a reivindicação de que os países cortem ao máximo seus gastos militares. Esse dinheiro deveria ir para as áreas de saúde e educação.

As nações comportam-se como pessoas. No Brasil, vimos que as pessoas mais ricas, apavoradas, montam ilhas como condomínios ou *shopping centers* bem vigiados, protegidos dos invasores.

Os países desenvolvidos, apavorados com imigrantes dos países pobres, fecham cada vez mais suas fronteiras. Ganham adeptos na Europa movimentos que hostilizam estrangeiros. São os neonazistas, os *skinheads*. Existem até similares brasileiros, os carecas. Em São Paulo, os carecas andaram atacando nordestinos, que consideram como invasores que precisam ser expulsos.



Roteiro para discussão

1. Por que o índice de mortalidade infantil é um indicador social tão importante?

2. Se a China, com uma renda *per capita* de US\$ 370, teve uma taxa de mortalidade infantil, em 1991, de 27 crianças em cada mil nascimentos, porque o Brasil, com renda *per capita* de US\$ 2 680, no mesmo período, teve uma taxa de 67 mortes?

POPULAÇÃO



▪ O custo da ignorância

Imagine que você está perdido em Pequim, na China, onde vai ser muito difícil encontrar, nas ruas, alguém que fale outra língua sem ser chinês.

Suponha que esteja passando mal e tenha que ir para um hospital. Quanto mais o tempo passa, mais a dor aumenta. E mais difícil se torna sua comunicação com as pessoas. Você olha para as placas, mas não entende nada. Procura uma lista telefônica e entende menos ainda. Já pensou se tivesse de trabalhar nesse lugar? Terrível, não?

Esta sensação de insegurança ajuda a entender uma imensa parcela da população brasileira. Um analfabeto ou semi-analfabeto comporta-se, na prática, da mesma forma como você se comportaria se estivesse perdido numa rua da China.

Esse exemplo ajudará a entender mais sobre a mortalidade infantil e o círculo vicioso da miséria. Confuso?

Afinal, o que tem a ver analfabetismo com mortalidade infantil?

É simples. O nível de instrução da mãe é um elemento vital para que a família perceba a necessidade de higiene e saneamento básico. Além disso, a mãe mais instruída sabe que é importante recorrer à rede de saúde.

Números do IBGE mostram que a taxa de mortalidade infantil chega ao seu ponto máximo em famílias em que a mãe é analfabeta. E vai baixando à medida que a instrução aumenta. A morte de crianças pequenas entre filhos de mulheres que foram menos de um ano à escola é quase cinco vezes maior do que em famílias onde a mãe estudou mais de oito anos.

Mortalidade por mil..... Instrução da mãe

100.....	menos de 1 ano
86.....	entre 1 e 3 anos
48.....	entre 4 e 7 anos
19.....	mais de 8 anos

Fonte: IBGE.

PARA SALVAR UMA VIDA

1. A saúde das mulheres e das crianças pode melhorar significativamente se o intervalo entre os partos for de pelo menos dois anos, se as gestações forem evitadas até os dezoito anos e se elas se limitarem a apenas quatro.

2. Para reduzir os riscos da gravidez, toda gestante deve receber cuidados pré-natais de um profissional de saúde e todos os partos devem ser assistidos por uma pessoa treinada.

3. Durante os primeiros meses de vida a criança deve ser alimentada exclusivamente com leite materno, que é o alimento mais completo para esse período. Entre os quatro e seis meses, a criança precisa de outros alimentos, além do leite materno.

4. Crianças com menos de três anos têm necessidades nutricionais especiais. Precisam comer cinco a seis vezes ao dia e seus alimentos devem ser especialmente enriquecidos com legumes amassados e pequenas quantidades de gordura ou óleo.

5. A diarreia pode matar pela perda excessiva de líquido do corpo da criança. Assim, todo o líquido perdido deve ser repostado, oferecendo à criança grande quantidade de líquidos adequados para beber: leite materno, sopas, soro caseiro ou uma bebida especial chamada Sais de Reidratação Oral. Se a doença for mais grave do que o normal, a criança deve receber cuidados de um profissional ou agente de saúde. Uma criança com diarreia também precisa manter a alimentação para que tenha uma boa recuperação.

6. A imunização protege contra diversas doenças que podem impedir o desenvolvimento normal de uma criança, incapacitá-la e matá-la. A criança deve receber a série completa de vacinas durante seu primeiro ano de vida. Toda mulher em idade fértil deve ser imunizada contra tétano.

7. A maioria dos resfriados e tosse melhorará por si. Mas, se uma criança com tosse estiver respirando mais rapidamente que o normal, isto significa que ela pode estar gravemente doente e é fundamental levá-la imediatamente a um centro de saúde. Uma criança com tosse ou resfriado precisa de ajuda para se alimentar bem e beber grande quantidade de líquidos.

8. Muitas doenças são causadas por germes que penetram pela boca através dos alimentos e das mãos sujas. Isto pode ser evitado com o uso de latrinas; lavando-se as mãos com água e sabão após evacuar e antes do preparo ou ingestão de alimentos; mantendo-se limpos os alimentos e a água; e fervendo a água de beber, se não for encanada ou tratada.

9. As doenças retardam o crescimento das crianças. Após uma doença, a

criança precisa de uma refeição suplementar todos os dias, durante uma semana, para recuperar o crescimento perdido.

10. Uma criança sadia cresce (aumenta de peso e tamanho) principalmente nos primeiros anos de vida. Por isso, desde o nascimento até os três anos, ela deve ser pesada todos os meses, devendo seu peso ser registrado no cartão de crescimento. Se a criança não ganhar peso durante um mês, alguma coisa está errada, devendo então receber os cuidados do pessoal de saúde.

Medidas Vitais do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef)

Em determinadas circunstâncias, é tão fácil salvar uma vida, tanto da criança como da mãe. Sabe-se que a diarreia prolongada enfraquece o corpo. Mas se a criança tomar um copo de água misturada com açúcar e sal, pode se reidratar e se recuperar.

O melhor alimento para uma criança pequena é o leite materno. Mas muitas mães não sabem disso e dão mamadeira ou outro alimento, favorecendo o risco de infecção intestinal.

Foi realizada uma experiência com radialistas do interior do Brasil. Eles receberam instruções sobre dez medidas vitais que evitam a morte de crianças e mães. Os radialistas passaram a divulgar essas dicas nos seus programas. Os efeitos foram bem visíveis em um ano: mais famílias estavam procurando postos de saúde em busca de vacinas.

▪ **Paternidade responsável**

Quantos filhos você gostaria de ter?

Aposto que, ao responder a essa pergunta, uma coisa vai passar na sua cabeça:

Será que vou conseguir sustentar um filho?

Certamente você gostaria de ter tantos filhos quantos pudesse sustentar, garantindo uma boa escola, um lugar razoável para morar e remédios. Simples, não é?

A verdade é que não é tão simples assim. A falta dessa simplicidade tem a ver com a crise social brasileira. E, mais uma vez, mostra o custo social da ignorância.

De acordo com o Ministério da Saúde, de um milhão e meio a dois milhões de adolescentes engravidam por ano. E engravidam por falta de condições de comprar anticoncepcionais ou porque não têm informações.

Segundo os médicos, ter filho na adolescência é perigoso para a mãe, pois seu corpo ainda não está preparado para o parto. E aí, além de um problema de saúde, surge um problema social:

Como ela vai sustentar a criança?

Afinal, para cuidar de uma criança, a adolescente terá de abandonar a escola. Isso, se estiver estudando, é claro.

MENINAS PROSTITUTAS

Quando começou a cuidar de meninas prostitutas em Recife, a advogada Ana Vasconcelos ficou intrigada ao ouvir uma expressão desconhecida e usada como sinônimo de aborto. De fato, é uma palavra estranha: “pezada”.

Ela acompanhava uma descontraída conversa entre duas meninas. Uma delas contou que há dias tinha feito um aborto e, enfim, estava livre da gravidez que lhe tirava clientes da rua:

— Como tirou? — quis saber a menina que ouvia o relato.

— Foi com “pezada” — respondeu.

Ana se aproximou, curiosa. E perguntou:

— O que é “pezada”?

A advogada ficou estarrecida com a explicação. “Pezada” era levar um chute forte na barriga. Era um meio, segundo a menina, fácil e certo de fazer aborto. E, ainda por cima, barato — não necessitava de médico. Bastava a ajuda de alguém que se dispusesse a dar uma “pezada”, o que não era difícil.

— Passei algumas noites sem dormir direito quando me contaram essa história de “pezada” — relembra Ana Vasconcelos, que, em Recife, trabalha há vários anos com meninas prostitutas, tentando recuperá-las para o mercado de trabalho.

Ela fez pelo menos três descobertas sobre o aborto estilo “pezada”. Com os médicos que atendem em prontos-socorros públicos, soube que uma grande quantidade de meninas que se submetia a chutes no estômago era internada com infecções e hemorragias. Soube também com outras meninas que esse método era difundido entre prostitutas do Recife por ser barato.

A descoberta que mais a espantou, entretanto, foi como muitas delas se submeteram à “pezada”. Ela entrevistou prostitutas e acabou descobrindo que os policiais do Recife provocavam muitos abortos com “pezadas”, quando, por acaso, brigavam com meninas prostitutas grávidas.

A guerra dos meninos, Gilberto Dimenstein

Imagine a gravidade da situação de famílias pobres chefiadas por mulher, ou seja, com pai ausente. Os números falam por si: 32% dessas famílias têm rendimento *per capita* de até meio salário mínimo.

Não podemos nos esquecer da discriminação. Geralmente, o rendimento médio de um homem é três vezes maior que o de uma mulher. Essa discriminação provocou até uma CPI sobre a violência contra a mulher. A comissão apurou que, de janeiro de 1990 a agosto de 1992, foram registrados oficialmente 205 mil casos de agressão.

Uma das consequências desse ambiente é a diferença salarial. Segundo estimativas oficiais, 73% das mulheres ganham até um salário mínimo. Entre os homens, essa faixa cai para 41%.

São dados que ajudam a entender outro número impressionante, também do Ministério da Saúde: no Brasil se fazem, anualmente, quatro milhões de abortos. Salvo algumas exceções (estupro ou risco de vida da mãe), o aborto é ilegal.

A mulher procura clínicas clandestinas, sem fiscalização, correndo riscos de saúde. Quem não tem condições de pagar essas clínicas usa métodos ainda mais precários para tirar o bebê. Todo ano, quatrocentas mil mulheres vão parar em hospitais para tratar sequelas do aborto.

Isso acontece, em parte, porque não existe no Brasil um amplo projeto de planejamento familiar que assegure aos casais mais humildes a capacidade de decidir quantos filhos desejam ter. Então, a mulher tem quatro, cinco, seis ou até mais filhos, quando não conseguiria sustentar com dignidade nem dois ou até mesmo um.

ALTERNATIVA À FOME

Meninas e adolescentes entre dez e 17 anos estão se prostituindo durante o dia no centro de Londrina, no Paraná. Mais de 80% delas se prostituem com o consentimento dos pais como “alternativa à fome”, segundo a presidenta do Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente de Londrina, Sandra Maria Pinheiro.

Segundo ela, o problema maior é que a prostituição infantil está “aumentando, criando um verdadeiro caos social”. Sandra afirma que um programa de orientação do Conselho tem tentado enfrentar o problema, mas “a dificuldade maior é que estas crianças são meninas de rua e se prostituem para ajudar o orçamento doméstico”.

Ela diz que o Conselho conseguiu cadastrar apenas onze de um universo muito maior de meninas, já que “elas temem o contato com os orientadores”.

A. Z. S., de onze anos, há seis meses faz ponto no centro de Londrina e disse: “É melhor se prostituir do que mendigar”.

Folha de S. Paulo

▪ Por que a esterilização se propaga

Como não há um acesso fácil à camisinha ou à pílula, muita gente parte para métodos mais radicais como cirurgia para a esterilização, que é irreversível. Geralmente, quem faz uma operação desse tipo jamais poderá ter outros filhos.

Em 1992, uma CPI do Congresso investigou a esterilização de mulheres no Brasil. Um dos motivos dessa CPI foram dados do próprio governo: 7,5 milhões de mulheres entre quinze e 45 anos (idade considerada reprodutiva) já teriam sido esterilizadas no país. Muitas nem sabem que a operação é irreversível e algumas não tiveram nem ao menos um filho. Quando se arrependem, é tarde.

A falta de informação sobre a saúde reprodutiva tem consequências graves. Isto porque muitas mocinhas, que são levadas a ganhar a vida com o sexo, sabem pouco sobre o funcionamento do próprio corpo. Algumas não fazem

ideia de como evitar filhos, por exemplo.

Segundo dados preliminares do Ministério do Bem-Estar Social, haveria no Brasil quinhentas mil meninas prostitutas. Muitas delas acabam engravidando, reproduzindo o ciclo de miséria. Outras engrossam a sombria estatística de aborto e mortalidade materna.

A menina prostituta é a falta de cidadania levada às últimas consequências. Além da violência comum de quem vive nas ruas, ela também sofre opressão sexual. Ainda hoje, no Norte e Nordeste, perdura a escravidão de meninas, forçadas à prostituição com a omissão de autoridades.

Como animais, elas são compradas das famílias e exploradas como prostitutas. Quem tenta escapar pode ser castigada até morrer.

▪ Educação vira luxo

A capacidade de decidir quantos filhos se quer ter é mais um dos indicativos de desenvolvimento. Essa decisão está relacionada — e muito — com o círculo vicioso da miséria.

Vamos nos lembrar daquele indivíduo que ganha 100 dólares por mês e tem de sustentar mulher e dois filhos. E se, em vez de dois filhos, tivesse seis? Sua renda *per capita* familiar cai. Ele terá de dividir o que ganha não mais por quatro, mas por oito. Essa família sai da linha de pobreza e entra na de indigência.

O resultado é previsível. Os filhos dessa família estarão mais arriscados ainda a encarar a escola como um luxo. Serão obrigados a ir para a rua trazer dinheiro para casa. Sem instrução, vão ganhar muito pouco. E quando se tornarem pais, estão sujeitos a colocar seus filhos também na rua.

O perverso é que, no geral, só os mais ricos, que poderiam ter mais filhos, têm meios e informações para fazer um planejamento familiar. E quanto mais pobres, menos condições têm.

Atualmente, a mulher brasileira tem, em média, três filhos. É o que chamamos de taxa de fecundidade. E essa taxa é bem mais alta entre as mulheres pobres. Uma pesquisa realizada nos grandes centros mostrou que meninos trabalhadores vêm de famílias com oito pessoas.

Pense e responda rápido:

Você teria cinco filhos?

A maioria vai responder que o ideal seriam dois. Muitos dirão que prefeririam

um. Não é difícil prever que, para pessoas conscientes de suas responsabilidades, cinco seria exagero. Ainda mais se o chefe da família ganhar 100, 200 ou até 300 dólares por mês.

▪ Falsa solução

A primeira regra de todo indivíduo que preza sua liberdade é questionar tudo que ouve e lê, independentemente de quem fala ou escreve. A desconfiança deve aumentar quando, diante de problemas complexos, são sugeridas soluções fáceis.

A questão populacional também encontra soluções fáceis. Uma delas parte do pressuposto de que a causa da miséria é o excesso de miseráveis. Logo, vamos impedir que eles tenham filhos e, assim, acabamos com a miséria.

Em primeiro lugar, num regime democrático, ninguém pode impor a alguém o número de filhos. Pode apenas argumentar que a vida da família iria melhorar com a paternidade responsável.

E em segundo lugar, o que acaba com a miséria é o crescimento econômico, a distribuição de renda e o investimento social.

Em cima desse conceito, surge outra saída fácil. A ideia de que o problema é econômico. Portanto, vamos esperar o crescimento, a distribuição de renda, etc. E, assim, não precisamos nos preocupar com o planejamento familiar. Antigamente, havia o receio de que o aumento da população provocaria a falta de alimentos. Agora existe também a preocupação ecológica, supondo que, com tanta gente, os recursos naturais se esgotariam.

Esses receios se baseiam na evolução da população ao longo da História. Segundo estimativa da ONU, quando Jesus Cristo nasceu, o mundo tinha 150 milhões de habitantes. Essa população dobrou em oitocentos anos e o ritmo de crescimento aumentou. Em 1850, atingiu 1,1 bilhão e, cem anos depois, éramos 2,5 bilhões de pessoas. Em 1990, a Terra tinha 5,2 bilhões de habitantes.

Atualmente, surge em poucos dias o mesmo número de pessoas que já tinham nascido em toda a história da humanidade até a época de Cristo. Calcula-se que no ano 5000 A.C., a população mundial era de 15 milhões de pessoas, menos da metade da população atual do Estado de São Paulo.

O que acontece com as pessoas acontece com os países. Os casais mais ricos planejam sua família conforme a capacidade de sustentá-la. Logo, a taxa de fecundidade (número de filhos por mulher) cai.

Os países mais ricos, com mais condições de sustentar seus habitantes, têm taxa de crescimento populacional menor do que as nações pobres. Então, se reproduz a pobreza com maior velocidade.

Roteiro para discussão

1. Por que a falta de informação sobre a saúde reprodutiva tem consequências graves?
2. A causa da miséria é o excesso de miseráveis?

DESEMPREGO



▪ Por que se teme tanto a recessão

A discussão sobre o tamanho da população ganhou um contorno dramático no Brasil na década de 80, conhecida como **década perdida**.

Junto com essa expressão, aparece uma palavra que tanto apavora as pessoas: recessão. Poucas coisas conseguem trazer tantos problemas sociais a um país. Depois da guerra, certamente é o problema que provoca danos mais generalizados no nível de vida das pessoas.

Para entender o que significa recessão, vamos nos lembrar da pizza que usamos para representar o PIB. Todos os dias são servidas dez pizzas para 50 pessoas. Mas, a partir de certo momento, a cozinheira só consegue fazer cinco pizzas. E o que é pior: o número de convidados aumentou, passando de 50 para 70.

É o que ocorreu com o Brasil, quebrando uma longa e contínua história de crescimento econômico. Depois da Segunda Guerra Mundial, fomos um dos países que mais cresceram no mundo, com a taxa elevadíssima de 7% ao ano.

Isso quer dizer que a cada ano a produção de prédios, carros, roupas e alimentos crescia. Mas a população também aumentava. A pizza ficava maior e o número de bocas também.

A população do Brasil em 1872 era de 9,9 milhões de habitantes, menos do que o Estado da Bahia hoje. Em 1940, o Brasil tinha 41 milhões de habitantes. Em trinta anos, de 1940 a 1970, esse número mais que dobrou, chegando a 93 milhões.

Essa evolução era compensada pelo crescimento econômico. Imagine se continuássemos com o PIB de 1872 e a população de 1990. Estaríamos bem pior do que a Somália.

Durante o regime militar, instalado através de um golpe de Estado, em 1964, o crescimento do PIB atingiu picos jamais vistos, atingindo 13%. Era a época do milagre econômico, em que não faltava emprego.

Mas, na década perdida, a situação mudou. E o pior é que esse ritmo sinistro passou para a década de 90. Basta dizer que, em 1992, estimava-se em 8 milhões o número de desempregados nos centros urbanos. É mais que toda a população da Áustria e pouco menos que a da Suécia. Calculava-se também que 23 milhões de pessoas estavam subempregadas, sem garantias trabalhistas por não ter registro em carteira.

Qual a raiz dessa tragédia?

Até o início dos anos 80, o Brasil tinha facilidade para buscar dinheiro no exterior. Os banqueiros até ofereciam. Era como se o país fosse uma pessoa pobre, mas com facilidades para tomar dinheiro emprestado. Imagine que essa pessoa comprou apartamento e carro, além de viajar várias vezes para o exterior.

Os governos militares investiram em obras grandes e caras. Gastaram em usinas nucleares e hidrelétricas e até em uma estrada que cortou a Amazônia (Transamazônica). Éramos um imenso canteiro de obras.

▪ Cintos apertados

De repente, os banqueiros foram fechando a torneira do dinheiro fácil. Ainda por cima, cobravam juros maiores.

O indivíduo, agora sem a ajuda dos banqueiros, é obrigado a apertar os cintos. Está difícil pegar mais dinheiro emprestado e tem uma dívida para pagar. Como se não bastasse, ele, que antes tinha um filho, está com três.

O nosso amigo que andava de carro importado terá de se contentar com um fusca ou talvez até andar de ônibus. Nada de viagens internacionais e restaurantes caros.

A expressão dívida externa aparece tantas vezes nos jornais porque o dinheiro que se envia para fora poderia estar sendo aplicado aqui dentro. O governo poderia construir mais pontes, estradas, usinas e escolas. As obras gerariam empregos e estimulariam a economia.

O que isso tem a ver com crescimento populacional? Simples. A economia perdeu fôlego e a pizza ficou menor. Mas a população continuou crescendo, mesmo que num ritmo menor, de 1,9%.

Parece pouco. Mas são cerca de três milhões de bocas a mais por ano. Três milhões é quase a população inteira da Irlanda e mais do que a de Cingapura.

Para que esse aumento da população não causasse problemas, precisaríamos ter um milhão e meio de novos empregos por ano. Isto porque todos os anos tal número de jovens chega à idade de trabalhar.

A recessão fez com que médicos, arquitetos e advogados abandonassem sua profissão. Decidiram abrir lojas de roupas, vender pipoca ou cachorro-quente nas ruas.

Os jornais publicaram várias reportagens sobre o tema. Em Brasília, quando o Tribunal Superior do Trabalho abriu vaga para faxineiro, apareceram muitos candidatos que tinham diploma de faculdade.

Durante muito tempo, o Brasil foi procurado por pessoas do mundo inteiro. Eram italianos, espanhóis, portugueses, japoneses e alemães atrás de melhores chances. Viviam dizendo:

O Brasil é o país do futuro!

Os imigrantes ganharam dinheiro e seus filhos entraram em boas faculdades. Veja na sua classe quantos colegas têm sobrenome italiano, espanhol ou japonês.

Mas o fluxo sofreu uma mudança brusca. Sem emprego, milhares de brasileiros estão se mudando para os Estados Unidos ou Japão. Calcula-se que existam no exterior pelo menos quatrocentos mil brasileiros. Muitos deles vivem ilegalmente.

Essa mudança de fluxo acompanhou a imagem do Brasil lá fora. Antes era o paraíso tropical, a terra do futuro, que atraía massas de europeus em busca de

vida melhor. Virou a terra da violência, do assassinato de crianças, da extrema miséria e centro de exportação de cocaína.

E pensar que o Rio de Janeiro já foi disputadíssimo por diplomatas estrangeiros. Eles queriam morar na cidade por causa do seu charme, beleza e tranquilidade.

Para piorar a imagem brasileira, desfilam pelas ruas de Roma, Paris, Lisboa e Madri, entre outras cidades européias, centenas de travestis brasileiros. Até prostitutas o Brasil está exportando. Só para a Suíça já viajaram quatro mil brasileiras para trabalhar como dançarinas de boates, uma fachada da prostituição.

▪ O efeito nas universidades

Deu para perceber como a recessão é prejudicial a uma sociedade e atinge você diretamente. Com menos empregos, menores são as suas chances de ter um bom trabalho no futuro.

Sabemos que com a recessão cai a produção. Isso acontece porque caem as vendas. E se as lojas não vendem, é claro que a indústria não fabrica. Com isso, também caem os impostos arrecadados pelo governo.

Essa queda já teve um efeito direto no nível das universidades mantidas com recursos públicos. Faça uma visita a uma faculdade considerada de boa qualidade. Converse com parentes que estudam em uma universidade. Pergunte como eles se sentem em relação ao futuro profissional. Procure saber o que eles acham do nível do ensino superior.

Você vai descobrir professores com baixos salários, prédios estragados, bibliotecas e laboratórios defasados. Ficarão sabendo que têm pouco dinheiro para pesquisa e desenvolvimento tecnológico.

Do mesmo modo que a recessão afeta as faculdades, atinge hospitais, estradas, projetos de saneamento básico, usinas hidrelétricas e telefonia.

Uma nação funciona como a sua casa. Se seus pais estiverem ganhando razoavelmente bem, dá para fazer algumas extravagâncias.

Poderão trocar de carro, comprar roupas da moda, passar férias no exterior e reformar a casa.

Mas se o dinheiro estiver curto, suas férias serão, no máximo, na praia, o carro nunca será trocado, a casa ficará sem reforma e você não terá roupas novas.

Roteiro para discussão

1. Por que a recessão e o desemprego ferem os direitos humanos?
2. Apenas os desempregados sofrem com a recessão?

INFLAÇÃO



▪ Com o gelo no bolso

Pegue uma pedra de gelo e coloque em cima de uma mesa. O que vai acontecer? Todo mundo sabe. Em pouco tempo, aquele pedaço da mesa estará molhado. O gelo vai ajudá-lo a entender uma das palavras mais citadas todos os dias, até na sua casa: inflação.

Em vez do gelo, coloque um monte de dinheiro numa gaveta. Faça as contas e anote quantos sorvetes você pode comprar com aquele valor. Deixe passar trinta dias e vá à padaria com aquele dinheiro para ver quantos sorvetes valem. Aconteceu com o dinheiro algo parecido com o que ocorreu ao gelo: foi diminuindo.

Se você pudesse voltar no tempo, como naqueles filmes de ficção, o dinheiro que hoje compra um chiclete poderia comprar um automóvel ou uma casa no passado. E o dinheiro que hoje compra uma casa talvez amanhã não dê para comprar um chiclete.

Um retrato da inflação está agora mesmo no seu bolso. Todos os anos o governo se vê obrigado a lançar notas com maior valor. Se não fosse assim, sua vida viraria um inferno.

Como a moeda perde valor, de tempo em tempo, cortam-se três zeros. Sem essa mudança ficaria impossível preencher um cheque ou fazer contas de simples despesas.

Mas na história da humanidade já houve, em curto tempo, surtos de hiperinflação. No início deste século, na Alemanha, a moeda desvalorizava tão rápido que as pessoas iam fazer compras com carrinhos de mão cheios de dinheiro.

▪ O impacto no nível de vida

Não é à toa que as pessoas reclamam tanto da inflação. Se sua mãe esperasse o final do mês para ir ao supermercado, o carrinho ficaria mais vazio do que se tivesse feito as compras antes.

Mas os salários também não sobem? Sobem. Só que sempre sobem atrás dos preços. O resultado é que, na prática, o trabalhador fica com menos condições de comprar coisas, pagar o aluguel, a mensalidade escolar, o médico, comer em restaurante, viajar ou comprar uma bicicleta nova.

Há pessoas com maior poder aquisitivo que podem cortar gastos supérfluos, ou seja, aqueles que não são essenciais para a sobrevivência, como ir ao

cinema. Mas quem vive de salário mínimo é obrigado a comprar menos comida. E muitas crianças precisam fazer “bicos” para arrumar dinheiro.

▪ **Mínimo de verdade**

O salário mínimo foi criado em 1940, quando o presidente era Getúlio Vargas. Naquela época, a maioria dos brasileiros morava no campo e a população girava em torno de 40 milhões. Nenhum trabalhador poderia ganhar menos do que um mínimo salarial suficiente para pagar moradia, roupa e comida da família.

Mas o salário mínimo, que não era muita coisa, foi perdendo valor. Em dezembro de 1990, ele servia para comprar só 22% do que comprava em 1940.

E essa perda de valor é muito grave porque 19,7 milhões de brasileiros viviam só com essa quantia em 1990. Quatorze milhões de pessoas ganhavam entre um e dois mínimos e 7,4 milhões recebiam de dois a três salários mínimos.

Resumindo: dos 59 milhões de trabalhadores, mais de 33 milhões ganham até dois salários mínimos por mês. Agora dá para ver com clareza porque há tantas famílias brasileiras vivendo abaixo da linha de pobreza e indigência.

Só 1,2 milhão ganha mais de vinte salários mínimos. Se fizermos uma comparação, veremos que vinte salários não são muita coisa. Dá mais ou menos US\$ 1440 por mês. É pouco mais da renda *per capita* mensal dos suíços.

Compare o salário mínimo brasileiro com o salário mínimo de alguns países. Em muitos países que não são desenvolvidos, o valor mínimo pago ao trabalhador é superior ao do Brasil.

País..... Salário mínimo

Brasil..... US\$ 60

Bolívia..... US\$ 45

Senegal..... US\$ 100

Argentina..... US\$ 98

Paraguai..... US\$ 180

Marrocos.....	US\$ 141
México.....	US\$ 100
Dinamarca.....	US\$ 1350
EUA.....	US\$ 680
França.....	US\$ 1000

Fonte: Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos).

Uma parte da culpa pela queda do poder aquisitivo — capacidade de adquirir, de comprar — é da inflação. Quanto maior a inflação, menos o salário pode comprar, porque os preços sempre estão na frente.

Em novembro de 1982, começo da década perdida, o salário mínimo equivalia a US\$ 122. Com isso dava para comprar mais ou menos 122 garrafas de refrigerante de dois litros. Dez anos depois, em abril de 1992, o salário mínimo só valia US\$ 41. Esse valor dava para comprar 34 garrafas de dois litros.

▪ O rabo e o cachorro

Como todo mundo quer recuperar o que perdeu, vira um corre-corre que mais parece cachorro atrás do rabo.

O empregado tem toda a razão para estar furioso porque seu salário vale menos e cada vez ele compra menos coisas. Ele fala com o patrão, pede e ganha aumento. Com mais dinheiro no bolso, fica feliz.

O patrão também tem seus motivos para reclamar. Ele tem uma fábrica de bicicletas. Com o dinheiro das vendas, todo mês comprava material para fabricar duzentas unidades. Pagando mais para seus funcionários, agora ele só consegue fazer 150 bicicletas. E ainda por cima, a firma que lhe fornecia a roda aumentou o preço.

Então, o que ele faz? Aumenta o preço da bicicleta. Como todos os empresários fazem a mesma coisa, todos os preços sobem, provocando mais inflação. A comida, a roupa, o transporte, tudo fica mais caro.

E o nosso operário, que estava feliz com o salário reajustado, terá de pedir outro aumento.

Os economistas costumam comparar esse processo com a arribancada de um

jogo de futebol. A primeira fileira se levanta para acompanhar uma jogada mais emocionante. Quando isso acontece, a segunda fileira é obrigada a se levantar também para poder enxergar.

A terceira fileira faz a mesma coisa e assim por diante. Em poucos segundos, todo mundo vai estar em pé.

A MAIOR VÍTIMA

No começo de janeiro de 1993, José da Silva comprava com os lucros obtidos com a venda dos porcos e galinhas vinte quilos de tomate. Em fevereiro, passou a comprar apenas cinco. A sua “fortuna”, guardada cuidadosamente debaixo do colchão, foi lentamente reduzida por uma “tal de inflação”, da qual ele ouviu falar, mas não sabe definir o que seja e sequer percebe que é ele a maior vítima dessa história. Personagem central de um país que empobrece a cada ano submerso em índices inflacionários altíssimos, José da Silva não é ficção. É realidade, presente em Babi, bairro de Belford Roxo, a 45 quilômetros do Rio de Janeiro, a cidade mais badalada do Brasil.

E mais: é apenas um entre milhares de brasileiros como ele. Aos 34 anos, com a aparência envelhecida pelas rugas e pela magreza, José da Silva entende de economia com a rudeza de quem sente que seu dinheiro compra cada vez menos coisas, mas não sabe fazer a conta de multiplicação dos grandes especuladores financeiros.

“No Natal vendi muitos porcos e galinhas e guardei o dinheiro que sobrou, porque a gente não sabe o dia de amanhã. Está debaixo do colchão. Sei que a gente tem de vender os bichos mais caros quando o sujeito quer pagar só no mês seguinte. Mas o preço certo não tem, não. A gente vende pelo que dão”, conta José, que não sabe sequer quanto tira por mês. “Tem mês que não tiro nada”, explica.

Para os economistas, José da Silva é o exemplo perfeito de quanto a inflação castiga os mais indefesos, sem acesso aos mecanismos financeiros. “A inflação é maior para quem guarda o dinheiro no bolso”, diz o professor Dionísio Carneiro. Outro professor, Edward Amadeo, afirma: “A inflação é um bicho danado, porque ela come duas vezes o dinheiro do pobre. Come no dia-a-dia do aumento dos preços e come também porque ele guarda o dinheiro no bolso, sem qualquer proteção contra a inflação”.

▪ Quem produz inflação

Há uma polêmica sobre as causas da inflação. Tem gente que bota a culpa no governo. Vem daí outra expressão que aparece todos os dias nos jornais: *déficit público*. Déficit significa *falta*, em latim.

O déficit público é o que falta para o governo pagar suas contas. O dinheiro que tem nos cofres não dá para pagar as obras, as universidades e as pessoas que trabalham para ele.

Quando os governantes percebem que o dinheiro do imposto arrecadado não é suficiente, uma das saídas é emitir moeda. Só o governo tem o direito de fabricar dinheiro. Quando aumenta a quantidade de notas ou moedas circulando, elas perdem valor.

Imagine uma pequena cidade onde moram quinhentas pessoas. Por cima dela passa um avião carregado de dinheiro. Esse avião despenca e o dinheiro cai como chuva sobre a cidade. O que acontece? As pessoas, agora com mais dinheiro no bolso, vão sair comprando.

Só que o comerciante, que não é bobo, percebe que pode vender mais caro, pois seus fregueses podem pagar mais. Os preços sobem.

Quando o governo emite mais moeda, ele está fazendo algo parecido e está fabricando inflação.

É por isso que é importante o governo controlar os gastos públicos. Quando o governo gasta mais do que tem, o cidadão acaba pagando essa diferença através da inflação.

▪ A salvação da poupança

O brasileiro está tão acostumado com a inflação que acabou inventando meios de proteger seu dinheiro, ou melhor, de perder menos. Criou-se, por exemplo, a conta remunerada. Coloca-se o dinheiro no banco e ele vai rendendo todos os dias. Outros abrem caderneta de poupança. Tem gente que compra dólar ou ouro.

Nesse jogo, mais uma vez, quem é pobre perde mais. A maioria dos

brasileiros nem tem conta em banco. Assim, está fora do mercado financeiro, sem condições de fazer seu dinheiro render. O salário funciona igual a um gelo no seu bolso num dia quente.

Roteiro para discussão

1. O aumento de salários é a causa principal da inflação?
2. Faça um pequeno exercício: verifique como andam os preços de aluguel, transporte, alimentação, educação, saúde, vestuário e lazer. Depois, diga, na sua opinião, qual deveria ser o salário mínimo no Brasil.

DÉCADA PERDIDA



▪ Combinação explosiva

Já dá para entender melhor o que significa década perdida. Foi uma combinação de recessão (menos empregos) com inflação (mais preços).

Outra palavra apareceu nos jornais para definir a situação econômica do país: **estagflação**. É uma mistura de estagnação (que quer dizer ficar parado) com inflação.

Muitos países passaram por inflação, mas tiveram crescimento econômico. Outros viveram em recessão, mas sem inflação. O Brasil ficou com as duas coisas.

Nesse clima de insegurança, os empresários preferem não investir, porque não sabem o que pode acontecer amanhã. E se eles não investem, não geram

riquezas.

Para piorar, a inflação estimula a especulação financeira. Todo mundo quer ganhar dinheiro sem trabalhar. Como não sabe se vai vender o que fabricar, o empresário prefere deixar o dinheiro rendendo juros em vez de gastar na sua firma.

TRABALHO INFANTIL

Hoje, quantas crianças trabalham em todo o mundo? Não se sabe ao certo. Algumas estimativas falam de 100 a 200 milhões. Nos países em desenvolvimento trabalham mais de 18% das crianças entre 10 e 14 anos, mas, em alguns, esse percentual pode chegar a 20 ou 30. O trabalho infantil não está confinado aos países em desenvolvimento. A incidência cada vez maior de acidentes de trabalho com crianças trabalhadoras, em países industrializados, é motivo para preocupação com o ressurgimento do trabalho infantil. Embora seja um mal de há muito persistente, o trabalho infantil vem assumindo, nestes últimos dez anos, proporções dramáticas e preocupantes. Crianças são agora expostas a novos e mais graves riscos, especialmente no setor não-regulamentado da economia informal.

Perigosos produtos químicos, comumente utilizados como inseticidas e fertilizantes nas plantações e na agricultura comercial, vêm sendo cada vez mais usados na agricultura familiar. Crianças, que não sabem ler e ignoram seus riscos, trabalham desprotegidas em campos pulverizados com inseticidas e comem sem lavar as mãos usadas na colheita.

Nas cidades, milhares de crianças, que remexem o lixo como meio de vida, manuseiam detritos médicos e radioativos de hospitais, garrafas de solventes descartadas, medicamentos e baterias com vazamentos. Um recente estudo sobre garis infantis revelou uma alta concentração de metais pesados em seu sangue: os níveis de chumbo, principalmente, de tão elevados punham em risco seu desenvolvimento físico e mental. Substâncias dessa espécie acumulam-se no organismo e geram, a longo prazo, a invalidez e um mal crônico. Uma pesquisa de saúde com crianças que trabalhavam em fábricas de vidro e em indústrias metalúrgicas demonstrou que seus pulmões estavam sendo seriamente danificados pela inalação de gases nocivos. Crianças que trabalham na fabricação de carpetes passam longas horas em posições penosas que

deformam o corpo. São condições permanentes que limitam sua capacidade de sobreviver, e de se empregar, caso sobrevivam.

Fonte: OIT - Organização Internacional do Trabalho

▪ **A criança trabalhadora**

A estagflação é mais cruel com os mais fracos. Ela jogou as crianças com violência na rua e no mercado de trabalho em crise. Assim, agravou ainda mais o que já era grave.

Quando o Brasil colocou o pé na década de 90, tinha 7,5 milhões de crianças e adolescentes de dez a dezessete anos trabalhando. Três milhões estavam com menos de quatorze anos. Mesmo a Constituição proibindo o trabalho antes dessa idade.

Se não respeitam os direitos dos trabalhadores adultos, imagine os de uma criança. Em 1990, somente 32% dos adolescentes contavam com carteira de trabalho assinada. E sem registro trabalhista, ficavam sem assistência médica, seguro ou Fundo de Garantia.

Quem trabalha oito horas ou mais por dia não tem tempo para estudar. Tanto esforço por tão pouco: cerca de 90% ganham até um salário mínimo. E a empregada doméstica com menos de dezoito anos recebe em média meio salário mínimo.

Mais uma vez aparece o círculo vicioso: eles ganham pouco porque têm baixa instrução. E como não têm tempo para estudar por causa do trabalho, continuam ganhando pouco. Quase a metade (46,3%) dos trabalhadores mirins frequentou a escola menos de quatro anos.

▪ **Efeitos políticos**

Desemprego e preços em alta se refletem logo na política. Em 1964 os militares derrubaram o presidente João Goulart e passaram a governar o Brasil.

Foi um golpe ditatorial, em que suprimiram direitos como liberdade de imprensa e organização. Houve prisões, tortura e assassinato de líderes políticos. Mas teve uma fase em que os militares conquistaram popularidade.

E essa popularidade chegou ao ponto máximo em 1970, justamente quando a

opressão foi mais violenta. Na época, o presidente se chamava Emílio Garrastazu Medici. Era o período do *milagre brasileiro*. As taxas de crescimento foram maiores do que nunca e a classe média tinha dinheiro para comprar mais coisas do que antes.

Mas, aos poucos, a situação começou a mudar. A crise econômica deixava marcas terríveis na sociedade. A inflação subiu a níveis jamais conhecidos na história do Brasil. Era a recessão chegando.

Crescimento do PIB

1980..... 9,2%

1981..... 4,4%

1982..... 0,7%

1983..... 3,4%

Fonte: IBGE.

ÓRFÃOS DA COLHEITA

A fome e o desemprego estão obrigando meninos e meninas de quatro anos de idade a trabalhar mais de dez horas por dia como bóias-frias da colheita de algodão do município de Querência do Norte, no Paraná. Eles são chamados de “órfãos da colheita” pelos demais bóias-frias. Trabalham sem seguro e garantias trabalhistas e vivem pendurados nas carrocerias abertas dos caminhões.

“Eles andam apertados em caminhões, sem nenhuma segurança, conduzidos por motoristas sem carteira de habilitação e, às vezes, trabalham mais do que os próprios adultos”, disse o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura de Querência do Norte, Antônio Norberto Possi.

Os órfãos da colheita são reunidos pelos chamados “gatos”, encarregados de providenciar os trabalhadores. “Temos de levar as crianças porque as mães não têm creches onde deixar os filhos, então os meninos são obrigados a crescer nas plantações”, disse o “gato” Edvaldo Ferreira.

Dionner Moura, de seis anos, sonha em juntar dinheiro para poder ter novamente uma bicicleta. A vida de Dionner não difere da maioria dos meninos de sua região. Ele acorda às quatro horas todos os dias, e segue na carroceria de um caminhão para trabalhar na colheita do algodão.

Ele acompanha a mãe, a bóia-fria Marine Moura, de 35 anos. “Ele é meu protetor: chega a colher quarenta quilos de algodão por dia”, diz a mãe.

Quando tinha três anos, Dionner chegou a ter uma bicicleta. A mãe teve de vendê-la para comprar uma passagem com destino ao Paraná.

Ele não sabe o que é Natal, nunca foi à escola. Entre os poucos prazeres que conhece, está o de tomar sorvete. Ele se alimenta diariamente de arroz e batata.

Folha de S. Paulo

Sem emprego e com as coisas aumentando de preço a toda hora, o povo ficou descontente. Em 1984, essa revolta provocou uma das maiores manifestações de rua já vistas no Brasil, o *Movimento pelas Diretas*. Foi o ponto alto de uma luta em defesa dos direitos do cidadão. As pessoas esperavam mudar os rumos do país escolhendo presidente da República pelo voto direto.

Desde o golpe de 64, a eleição era indireta, manipulada por um Colégio Eleitoral formado por deputados e senadores. Servia apenas para confirmar o nome de quem os militares já tinham escolhido.

A eleição direta não conseguiu passar de cara pelo Congresso. Mas pelo menos os militares não iam continuar a escolher o presidente. Ficaram ainda mais isolados do povo. Está provado que ninguém fica no poder por muito tempo apenas pela força das armas.

Usando aquele Colégio Eleitoral, Tancredo Neves conseguiu aliados no partido do governo, o Partido Democrático Social (PDS). Era um sinal de que o país inteiro estava descontente. Com a eleição indireta de um civil, estava encerrado o ciclo militar.

Um fenômeno semelhante de manifestação popular ocorreu mais recentemente, quando o povo defendeu a moralidade e o afastamento do presidente Fernando Collor.

Collor se tornou presidente da República na primeira eleição direta em quase trinta anos. O último presidente eleito democraticamente antes dele foi Jânio

Quadros, que, depois de seis meses no cargo, renunciou.

A queda de Collor começou quando seu irmão Pedro o acusou de estar envolvido em corrupção. Essa denúncia detonou uma Comissão Parlamentar de Inquérito, a CPI. Mais tarde, surgiram documentos dando consistência à acusação.

Enquanto deputados e senadores investigavam o caso, estudantes foram às ruas das principais cidades protestar. Com tintas coloridas no rosto, eles defendiam a moralidade e a saída de Collor. Eram os caras-pintadas.



A campanha foi tão intensa que o Congresso acabou aprovando o *impeachment*. Collor teve de deixar o poder até o julgamento final no Senado. Percebendo que perderia também no Senado, ele renunciou.

Mas será que foi só a questão da moralidade que derrubou o presidente? Collor se elegeu prometendo salvar os descamisados, ou seja, os mais pobres. Mas suas decisões econômicas trouxeram, mais uma vez, a mistura de preços altos e pouco emprego. Em 1990, o PIB foi negativo: -4%. Em 1992, também: -1%.

Traduzindo: aumentou a miséria. E, mais uma vez, a crise econômica ajudou a impulsionar movimentos de rua.

Roteiro para discussão

1. Que reflexo político pode ter para o Brasil de hoje a combinação explosiva de recessão com inflação?
2. De que forma cada cidadão pode influir para que essa situação, que existe

hoje no Brasil, possa se modificar?

URBANIZAÇÃO



- O eterno drama da seca



Já vimos o estrago que faz a recessão. Conhecemos as ruínas da inflação e observamos o que acontece quando esses dois palavrões se juntam.

Esse processo se torna ainda mais perverso com o crescimento desordenado das cidades grandes. Elas cresceram demais porque milhões de famílias vieram do campo em busca de melhores condições de vida.

Quando a estagflação da década de 80 explodiu, algumas cidades estavam muito grandes, inchadas, cheias de favelas e cortiços. Não havia serviços públicos básicos nas periferias. Em 1991, 47 milhões de pessoas moravam em apenas oito das principais cidades brasileiras.

Mas, por que tanta gente sai do campo? Porque a situação está ruim por lá. Se existisse mais trabalho na roça, não haveria tanta gente se mudando para a cidade. O Nordeste tem uma imensa quantidade de terras férteis e vive na

miséria por causa da seca. Mas o problema não é o clima. São os governos.

Com irrigação, mais terras seriam cultivadas, exigindo mais empregados. E existem técnicas usadas desde os primórdios da humanidade. Na Espanha ainda funcionam sistemas de irrigação construídos pelos árabes há mais de mil anos. Bem antes disso, os egípcios levavam as águas do rio Nilo para suas lavouras.

O Brasil tem pouco mais de um milhão de hectares irrigados. Cada hectare é do tamanho de um campo de futebol. Um milhão de hectares é muito ou pouco? Quase nada.

O Chile, que tem menos de um décimo do tamanho do Brasil, conta com 1,2 milhão de hectares irrigados. No México, a irrigação tornou produtiva uma área de seis milhões de hectares. Na Índia, quarenta milhões de hectares recebem água artificialmente e na China, cinquenta milhões.

Há estudos que mostram que as terras semi-áridas da Califórnia, nos Estados Unidos, eram bem mais difíceis de serem tratadas do que as do nosso Nordeste. No entanto, lá existem 4,5 milhões de hectares irrigados.

RIO DE JANEIRO É A CIDADE COM MAIS GENTE EM FAVELAS

São Paulo é a cidade brasileira onde há maior número de favelas. São 594 de um total de 3221 em todo o país, segundo números apurados em 1991. Mas o Rio de Janeiro tem mais moradores nas suas 394 favelas. São 203226 domicílios em favelas cariocas contra 131325 domicílios nas paulistanas.

Percentualmente, Recife é a capital do país que apresenta o maior número de domicílios em favelas. Dos 310820 domicílios da capital pernambucana, 42,2% são em favelas.

A cidade de Laranjal do Jari, no Amapá, é a que proporcionalmente tem mais moradores em favelas. Só há lá uma, onde estão 59,9% dos domicílios da cidade — que no total chegam a 4677.

Em Juiz de Fora, cidade mineira da qual o presidente Itamar Franco foi prefeito, há quatro favelas com 479 domicílios, que representam apenas 0,4% dos 98036 existentes. No interior de São Paulo, Cubatão possui o maior índice proporcional de domicílios em favela do Estado. Dos quase

20 mil domicílios da cidade, 28,9% estão localizados em favelas.

O critério utilizado pelo IBGE para considerar favela uma determinada área é o seguinte: ser um conjunto de ao menos 51 domicílios, ocupando terreno de propriedade alheia, dispostos, em geral, de forma desordenada e densa e carentes em sua maioria dos serviços públicos essenciais como água, luz e esgoto.

Folha de S. Paulo

Calcula-se que, no Nordeste, pelo menos 8 milhões de hectares poderiam ser irrigados, ou seja, quase o dobro da Califórnia, que é um dos celeiros de alimentos do mundo.

Já temos exemplos concretos de como a irrigação pode transformar uma paisagem. Com uma técnica simples, a fazenda Maisa, no Rio Grande do Norte, tornou-se o maior produtor de melões do país.

Na década de 80, dez milhões de pessoas saíram do campo. Nos anos 70, já haviam partido dezesseis milhões. Se a situação era difícil quando existiam empregos (mal-remunerados, mas existiam), imagine em plena recessão.

Por causa da crise, estão fazendo menos prédios, casas, pontes, etc. Com isso, as construtoras pararam de contratar pedreiros, serventes e outros operários sem especialização. Assim, quem tem pouco estudo ficou com menos chances de arrumar emprego.

Muitos migrantes voltaram para suas terras e outros viraram mendigos. Famílias se desintegraram. Aumentou o número de casas chefiadas por mulheres. Teve também muita gente que virou bandido. Nas grandes cidades apareceu uma profissão nova: pistoleiro, coisa que antes só existia no interior do país.

Surgiram tantos matadores profissionais que **comprar uma morte** ficou fácil e barato. Criaram até uma tabela conforme a importância da vítima. Em dezembro de 1992, um repórter da *Folha de S. Paulo* conseguiu, sem maiores dificuldades, contratar um matador em Goiânia.

Esse ambiente complica ainda mais o problema dos meninos de rua. Quase todos são migrantes ou filhos de migrantes, sem instrução. Eles estão para o mundo de hoje como os filhos de escravos estavam para o começo do século. Como se vê, menino de rua é o termômetro que mede a febre. E uma pessoa fica com febre quando está doente, tem uma infecção.

A IMPUNIDADE

A apuração dos crimes atribuídos a pistoleiros muitas vezes acontece à margem do Estado, especialmente quando os crimes envolvem disputa pela posse da terra. Nesses casos, os sindicatos de trabalhadores rurais e a Igreja acusam a polícia e a Justiça de complacência com os criminosos de aluguel (pistoleiros).

Um levantamento da Comissão Pastoral da Terra (CPT), da Igreja Católica, contabiliza mais de 1700 assassinatos no campo desde 1964. Esses crimes foram supostamente cometidos por jagunços ou pistoleiros a serviço de fazendeiros.

Segundo a CPT, neste período apenas 29 destes homicídios foram a julgamento, com dezessete condenações.

Boa parte das vítimas de atentados no campo procura a Igreja antes mesmo de ir à polícia. A CPT possui um arquivo próprio de depoimentos que corre paralelamente aos inquéritos policiais. Muitas vezes as investigações da Igreja e da polícia chegam a conclusões completamente opostas.

Folha de S. Paulo

▪ Violência na família

A pobreza provoca uma infecção chamada desintegração familiar. E ela vem junto com a violência. Meninos costumam dizer que preferem morar na rua a morar em casa. É que assim fogem de agressões do pai ou da mãe. E muitos pais batem nos filhos porque bebem.

Essas agressões não são nada leves. Quase um terço (30%) das mortes de crianças e adolescentes ocorridas em São Paulo em 1991 foi provocado por pessoas da família. Em 75% dos casos de abuso sexual, o culpado também é um parente, geralmente pai ou padrasto. É o que mostra uma pesquisa do Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância (Crami).

Essas famílias não conhecem a lei nem imaginam que um pai que bate no filho corre o risco de ir para a cadeia. Mas isso pode acontecer, pois a lei brasileira define como crime *expor a perigo a vida ou a saúde de pessoa sob sua autoridade, guarda ou vigilância, para fins de educação, tratamento ou custódia*.

E os centros públicos de atendimento à criança infratora não estão preparados para educar. Quando vai parar nessas instituições, o candidato a delinquente acaba virando delinquente. Eles serviam e servem mais para reforçar a violência do que para atenuá-la.

O CASTIGO QUE MATA

Sentar numa frigideira com óleo quente foi o castigo imposto ao pequeno D., de um ano e meio, pelo pai, alcoólatra. Temendo ser preso, ele levou a criança a um hospital uma semana depois. A mulher, também vítima de espancamentos, o denunciou à polícia. O agressor fugiu.

Outras 2284 denúncias de maus-tratos contra crianças foram feitas à Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência em 1992. O número de denúncias indica que a violência contra a criança não consegue ficar aprisionada entre as quatro paredes da casa onde vivem agressor e agredido. Na maioria das vezes, porém, não passa das delegacias ou dos hospitais.

Nem nos hospitais, onde chegam os casos mais graves de maus-tratos à criança, a situação parece comover os profissionais de saúde, que não denunciam o crime à polícia. De cada três crianças hospitalizadas, duas são menores de três anos.

O Globo

CEM MILHÕES DE CRIANÇAS VIVEM NAS RUAS

Mais de cem milhões de crianças vivem nas ruas em todo o mundo e pelo menos a metade delas consome drogas. Essa constatação é da Organização Mundial de Saúde (OMS). O órgão divulgou ontem os resultados de um estudo realizado com menores, com idades entre 10 e

18 anos, em dez cidades de vários países, entre elas o Rio de Janeiro. O documento alerta para a possibilidade alarmante de as crianças de rua se transformarem num importante fator de disseminação da Aids em todo o mundo.

A pesquisa foi realizada pelo Programa sobre o Uso de Drogas da OMS, coordenado pelo economista sueco Hans Emblad. Há mais de 20 anos ele trabalha na área da prevenção do uso de drogas. De acordo com o economista, uma das constatações mais importantes do levantamento é que o problema das crianças de rua não se restringe aos países pobres ou em desenvolvimento.

O Estado de S. Paulo

▪ As drogas atacam os meninos



É como se existisse uma conspiração organizada para formar marginais. Na rua, é muito comum os meninos experimentarem drogas. Eles ficam viciados porque drogas como cola de sapateiro ajudam a tirar a fome e dão uma ilusória sensação de alívio.

Drogados, eles não conseguem levar uma vida normal em sociedade. Ficam ainda mais distantes da escola e, portanto, do trabalho. Indefesos, entram para o crime organizado, dirigido por adultos. Muitos viram traficantes e morrem em brigas de quadrilhas.

Roteiro para discussão

1. O que é necessário fazer para que as cidades não fiquem deterioradas por causa da migração?
2. Por que a pobreza desintegra a família?

DESNUTRIÇÃO



▪ Onde começa a derrota

Vamos fazer de conta que você tem um jogo de futebol marcado para domingo de manhã. Mas no sábado só consegue tomar café da manhã. Não

almoça nem janta. Vai dormir de barriga vazia e também não come nada quando acorda. Como você se sairá no jogo?

Não é difícil responder. Você não vai jogar nada bem. Ficarás cansado e talvez sinta tonturas. Seu corpo não é diferente de uma máquina. Um carro com pouco combustível não irá longe. Quando o tanque fica vazio, é preciso enchê-lo para que as rodas recebam energia do motor.

Quando alguém come, está enchendo o seu tanque para produzir energia. É por isso que os atletas, que fazem muito esforço físico, precisam se alimentar bem.

Pegue dois grãos de feijão. Coloque bastante água em um deles e deixe em um lugar com muita luz. Largue o outro feijão num canto escuro e quase seco, ou seja, com pouco alimento. O resultado é previsível: a semente desnutrida não vai se desenvolver.

O que aconteceu com os feijões vale para as pessoas também. Quem não se alimenta direito, não cresce em um bom ambiente, não consegue aprender o que ensinam na escola. É como se alguém participasse de uma corrida sem uma perna.

No Brasil, de cada três crianças menores de cinco anos, uma é desnutrida. É como se uma em cada três crianças não tivesse uma perna. E um estudo do Unicef afirma:

A maior parte do desenvolvimento físico e mental do ser humano ocorre até os cinco anos de idade. Não há uma segunda oportunidade.

Um jeito fácil de perceber que alguém é subnutrido é pelo tamanho, pela altura. Os desnutridos são mais baixos, pois sem comida não dá para crescer.

O HOMEM-GABIRU

O trabalhador rural Amaro João da Silva, 47 anos, do município de Engenho da Bondade, a cem quilômetros de Recife, tem 1,35m. Está 33 centímetros abaixo da média do tamanho dos brasileiros, que é de 1,68m. No Nordeste essa média cai para 1,62m.

Pelo menos quatro dos seus treze filhos podem estar no mesmo caminho: o nanismo. A situação de muitos vizinhos de Amaro não é diferente e confirma no país uma “espécie” criada pela fome — os homens nanicos.

Previstos por cientistas há pelo menos duas décadas, esses homens

tendem a encolher ainda mais nas gerações futuras. Eles não se distinguem apenas pela estatura. O tamanho do cérebro também é menor e chega a ser 40% menos capaz.

“Às vezes, eles esbarram nas mais simples operações matemáticas”, diz o médico pernambucano Meraldo Zisman, estudioso sobre a questão do nanismo.

Hoje já é comum no Nordeste a estatura abaixo de 1,50m. O tamanho equivale ao dos pigmeus da África, que têm em média 1,48m. “A tendência do nanismo é maior entre os nordestinos, mas começa a se espalhar pelo país inteiro”, diz Zisman.

Ele aponta a ex-cortadora de cana-de-açúcar Alaíde Pereira, que trabalhava nas usinas da Zona da Mata em Pernambuco, como exemplo de ignorância comum na região, agravada também, segundo Zisman, pelo nanismo.

Ela não sabe sequer a sua própria idade, não tem ideia de seu tamanho, não sabe o nome do presidente da República e não pronuncia nenhuma frase com ordem lógica.

O pesquisador do IBGE Mário José da Silva, que entrevistou Alaíde, conta que encontrou muita dificuldade para preencher os 168 questionários do Censo. “Tem gente que precisa reunir os filhos e contar um a um para responder quantas crianças tem”, diz.

Folha de S. Paulo

No Brasil estaria surgindo uma **sub-raça**, formada por baixinhos. Ganharam até o nome de **homens-gabirus** e são do tamanho dos pigmeus da África.

Os japoneses, que antigamente eram considerados baixinhos, estão mais altos agora. Isso aconteceu graças à melhoria da nutrição. A mesma coisa ocorreu com os povos da Europa e dos Estados Unidos na primeira metade deste século.

Como consequência da desnutrição, 16% dos brasileiros são baixos.

No Nordeste, essa faixa é de 28%. O Ministério da Saúde obteve dados sobre desnutrição em várias partes do mundo, que se baseiam em condições físicas como a altura dos habitantes.

A partir daí, fez um mapa da desnutrição no país, dividindo os Estados por regiões. Foi constatado que a taxa de desnutrição da maioria dos Estados brasileiros é semelhante à dos países mais pobres da África.

ESTUDO REVELA QUE CRIANÇAS POBRES TÊM QI 9,1 PONTOS MAIS BAIXO

As crianças que vivem em estado de pobreza durante os primeiros cinco anos de vida têm QI (Quociente de Inteligência) 9,1 pontos menor do que as outras que não vivem. A constatação é do cientista Greg J. Duncan, da Universidade de Michigan. “A deficiência parece resultar só da pobreza, e não de outros fatores como estrutura da família ou nível de instrução da mãe”, explicou. Duncan e outros dois pesquisadores foram os autores do estudo que apontou para essa conclusão e foi apresentado à reunião da Associação de Pesquisas do Desenvolvimento Infantil, em Nova Orleans, nos Estados Unidos.

Duncan acrescentou que as diferenças de QI entre crianças que vivem na pobreza constante (ou seja, as que são pobres durante três ou quatro anos de suas vidas) e as que nunca conheceram a pobreza são idênticas em crianças brancas e negras. Nos EUA, onde o estudo foi feito, o QI médio é de 100.

As consequências das más condições financeiras sobre o comportamento das crianças foram também significativas. Crianças que só conheceram a pobreza têm maior possibilidade de revelar problemas de comportamento. Num índice para medição de 20 diferentes tipos de problemas comportamentais interiorizados (mau humor, melancolia, medo), as crianças sempre pobres perderam por quatro pontos para as que nunca foram pobres. No mesmo índice que mediu problemas comportamentais exteriorizados (brigas, acessos de raiva, agressividade), as sempre pobres perderam maior 3,3 pontos para as outras. O estudo, feito no final da década de 80, envolveu 900 crianças de lares pobres.

The Washington Post

▪ Mortos de fome

A palavra fome pode gerar um equívoco. É comum ler nos jornais frases como:

No Brasil as pessoas morrem de fome.

A principal causa da mortalidade infantil é a fome.

Mas nenhum atestado de óbito traz como causa da morte a fome. Então, por que se diz que a fome mata? Nesse caso, fome significa subalimentação.

Não confunda essa fome com aquilo que você sente antes da hora do almoço, quando chega em casa berrando que está **morto de fome**.

A desnutrição é resultado de um processo contínuo de carência alimentar. Ingerindo menos calorias (energia) que o necessário para o correto desenvolvimento, a pessoa não cresce.

Você já deve ter jogado *videogame*, é claro. Imagine um daqueles jogos com uma arma para derrubar os inimigos. Suponha que, de repente, por algum problema técnico, o número de tiros disponíveis se reduza à metade. Você ficará mais vulnerável.

É o que acontece com o corpo humano. O desnutrido tem menores condições de enfrentar os inimigos, que entram em seu corpo em forma de germes e bactérias.

Há um verme chamado *Ascaris lumbricoides*, que você conhece como lombriga. Quando ele entra numa criança, consome até 10% de sua energia. É uma doença comum, como o sarampo — que seria enfrentada facilmente por um menino saudável — torna-se fatal para um desnutrido. Por isso existe uma relação direta entre nutrição e mortalidade infantil.

Temos aqui mais um círculo vicioso. A criança é fraca porque está mal alimentada, e por estar mal alimentada contrai doenças com facilidade. Pegando doenças, ela fica mais fraca. E aí as doenças atacam com mais força.

É como se, cada vez que você fosse derrotado no jogo eletrônico, menos tiros tivesse para atacar os inimigos. Assim, os inimigos ficariam cada vez mais poderosos e ameaçadores.

De certa forma, a desnutrição lembra a Aids. A Aids não mata diretamente. Ela acaba com a capacidade que a pessoa tem para se defender das doenças.

A alimentação de um ser humano é muito mais complexa do que a de um carro, que só precisa de álcool ou gasolina. Temos de comer alimentos que contenham proteínas, vitaminas e sais minerais. Se alguém come só batatas fritas terá problemas, porque esse alimento não contém todos os nutrientes que seu corpo precisa para funcionar direitinho.

Por exemplo, a falta de vitamina A, encontrada no mamão, na cenoura, no leite, etc., pode provocar deficiências na visão e até mesmo cegueira. A ausência de iodo leva ao retardamento mental.

Quem não ingere ferro suficiente tem dificuldade para trabalhar ou estudar. Isto porque, sem ferro, caem as funções imunológicas do organismo. Ele perde a capacidade de atirar contra inimigos, como as bactérias.

Agora, você entende o sentido da frase que mães irritadas do mundo inteiro costumam dizer nas mais diversas línguas:

Esse menino só quer saber de comer porcaria!

▪ A importância do saneamento

A esta altura do livro, certamente você já percebeu que, no Brasil, a fonte mais importante dos sombrios indicadores sociais é a renda. Esse fator é também agravado por itens como saneamento básico, moradia, dificuldade de acesso aos sistemas de saúde e educação.

É óbvio que o problema da nutrição está ligado diretamente à renda. Se uma família tiver um rendimento *per capita* de US\$ 200 por mês, a tendência é de que a criança tenha um desenvolvimento normal. Ela crescerá como as crianças americanas ou inglesas.

No Nordeste, esse rendimento precisa ser maior, de no mínimo US\$ 250. No Sul e no Sudeste, bastariam US\$ 150. Mas, por que essa diferença?

O motivo é simples. As regiões mais ricas como o Sul e o Sudeste oferecem melhores serviços de saúde e redes de água e esgoto. Por isso, mesmo que as famílias ganhem menos, as crianças têm condições de serem mais saudáveis.

O saneamento básico é particularmente relevante. Se fizermos um cruzamento entre desnutrição e mortalidade infantil, vamos confirmar essa teoria. Quanto piores as condições de saneamento, maior a taxa de desnutrição ou mortalidade infantil.

Menos da metade das crianças e adolescentes do Brasil vive em lugares com saneamento adequado.

Já pensou se um dia quebrarem todos os banheiros da sua casa? Sua família não poderia usar privadas, torneiras e chuveiro. E tem mais: o conserto vai demorar um mês. Dá para imaginar como é viver sem água e esgoto?

Quando nos referimos a menos da metade de crianças e adolescentes, mostramos apenas a média. Das que moram em famílias com renda *per capita*

de até meio salário mínimo, só 19% têm esgoto adequado, 28% contam com água boa e 27% têm o lixo coletado.

Essa discussão tem também um lado ecológico. Uma pesquisa do IBGE, divulgada em 1993, mostrou que 92% do esgoto é jogado direto nos rios, sem nenhum tratamento. Transformam as águas em focos de doenças. Quanto melhor o saneamento básico, menor a proliferação de germes e bactérias, ingeridos com a água e a comida.

▪ A mãe transmite a desnutrição

A desnutrição de uma criança pode começar até antes do nascimento. Ainda na barriga da mãe, o feto sofre os primeiros efeitos da desigualdade social.

O peso normal de um recém-nascido é de uns três quilos. Quem nasce com menos de dois quilos e meio tem menos chances de sobreviver. E quando sobrevive, tem menores condições de se desenvolver bem.

O bebê nasce pequeno por causa da desnutrição da mãe. Durante a gestação, ela deveria se alimentar melhor, pois tem que dividir a energia com mais alguém, o filho que está na sua barriga.

A mulher grávida precisa cuidar bem da saúde, pois, se ficar doente, vai prejudicar a criança. Por isso, os médicos proíbem o fumo e trabalhos pesados no final da gravidez.

Psicólogos afirmam que a relação entre mãe e filho é tão intensa que o feto sente as emoções maternas. Caso uma mãe rejeite o filho que está na barriga, ele corre sérios riscos de sofrer problemas psicológicos.

Aposto que a maior parte dos leitores deste livro, principalmente as garotas, já sabia tudo isso. Alguns talvez até estejam achando que nem precisariam ser escritas. Infelizmente é um engano.

A desinformação provoca danos irreversíveis. Mais uma vez, constatamos o efeito perverso da ignorância. É bem maior o risco de as crianças nascerem com baixo peso quando a mãe não tem instrução.

Entre as mães que frequentaram a escola durante menos de cinco anos, o risco é quase três vezes maior do que as que têm mais de oito anos de estudos. Muitas desconhecem a importância do que se chama atendimento pré-natal.

Toda mulher grávida deve fazer esse tratamento, pois ajuda a identificar doenças e a desnutrição da mãe, prevenindo contra a desnutrição do bebê. Na área rural do Nordeste, por exemplo, 80% das mães nunca tiveram nenhuma

espécie de acompanhamento pré-natal.

A desinformação continua a causar danos quando a criança nasce. Está provado que o melhor alimento até os seis meses de vida é o leite materno. Ele contém tudo que a criança precisa, inclusive anticorpos para ajudar a combater doenças.

Mas, no Brasil, a maior parte das mães desmama os filhos antes do tempo. Apenas 30% dos bebês se alimentam exclusivamente de leite materno até os três meses. E só 6% mamam no peito até os seis meses.

Para complicar, dados do governo mostram que pouco se faz para combater a desnutrição infantil. Em 1989, estavam inscritas 2,5 milhões de crianças em programas de alimentação. Não mais do que 30% recebiam algum tipo de auxílio, muitas vezes descontinuado.

Roteiro para discussão

1. O que pode provocar a carência alimentar numa criança?
2. Prostituição, drogas, violência, Aids, o que tudo isso tem a ver com o universo de uma criança bem nutrida?

EDUCAÇÃO



▪ Tragédia educacional

Estamos chegando à última parte do livro. Não foi por acaso que o tema educação ficou para o final. Durante todo o texto, falamos em círculo vicioso, ou seja, você foi vendo como a pobreza reproduz pobreza.

A família é pobre. Mora numa casa onde não tem saneamento básico. O ambiente facilita a transmissão de doenças. As doenças enfraquecem o corpo, que fica desnutrido. A criança desnutrida não aprende direito o que é ensinado. E quem não estuda não consegue arrumar um bom emprego.

Um jeito de quebrar esse círculo tenebroso é a educação. Isto porque uma pessoa instruída pode defender melhor os seus direitos e sabe quais são as suas obrigações.

São muitos os países que progrediram porque investiram nas suas crianças. Quando as crianças cresceram, viraram trabalhadores qualificados e cientistas, por exemplo. Para começar, esses países investiram no ensino fundamental. Isso explica, em grande parte, o rápido desenvolvimento do Japão e de outras nações do leste da Ásia.

Vamos pegar o exemplo da Coreia do Sul, que, nas décadas de 50 e 60, estava em situação parecida com a do Brasil de hoje. Em vinte anos, entre 1950 e 1970, o analfabetismo caiu de 78% para 11%.

No começo da década de 80 praticamente não tinha mais analfabetos naquele país. Imagine que em 1970 só a metade das crianças com idade entre doze e quatorze anos ia à escola. Quinze anos depois, quase todas as crianças estavam estudando. Na faixa dos quinze aos dezenove anos, 29% cursavam o segundo grau em 1970. Em 1987, 83% dos jovens com essa idade frequentavam escolas.

▪ **Impacto econômico**

A educação não é apenas uma questão de cidadania. O nível de instrução do trabalhador tem relação direta com a produtividade e, portanto, com a riqueza material de um país.

É bom lembrar a diferença entre produtividade e produção. Imagine duas fábricas de automóveis com o mesmo número de funcionários.

Uma delas consegue fazer cem carros por mês e a outra, só cinquenta. Isso significa que a produtividade da primeira fábrica é o dobro da segunda.

Na prática, produtividade é reduzir o desperdício, aproveitando melhor o tempo e os recursos. Se, em uma hora, você consegue aprender mais coisas do que o seu colega de classe, sua produtividade é maior.

A taxa de desperdício é alta no Brasil. Na construção de um prédio, boa parte do material acaba se perdendo. O Ministério da Indústria e do Comércio calcula que a parcela que vai para o lixo é de 35%.

Com isso, um apartamento que poderia custar US\$ 50 mil sai por mais de US\$ 67 mil. E o que acontece na construção civil se repete na agricultura. Com mais instrução, a produtividade poderia aumentar.

Se o homem do campo aprendesse melhores técnicas agrícolas, teria uma colheita maior, sem gastar tanto. Com isso, os alimentos custariam menos. E um aumento de produtividade é muito importante em um país onde a fome é um dos principais problemas.

Cada vez mais a falta de instrução dificulta a vida das pessoas. A tendência é que as empresas deixem de empregar um trabalhador que não pense. Não querem mais alguém apertando botões, numa produção em série. Com o avanço tecnológico, exige-se um operário que raciocine, tome decisões e avalie a qualidade do produto. Ele precisa manejar sofisticadas máquinas computadorizadas.

Um levantamento realizado em 1985 mostra que metade dos trabalhadores da indústria brasileira não tinha estudado mais de quatro anos. Só 13% haviam concluído o primeiro grau. Essa escolaridade ajuda a explicar por que o Brasil, segundo a Organização Internacional do Trabalho, é o campeão mundial de acidentes de trabalho. O operário não conhece nem as regras básicas de segurança. Poucos patrões investem em segurança. E o pior: o governo não fiscaliza.

▪ Evasão e repetência

O trabalhador sem instrução é apenas uma consequência previsível de uma sociedade onde as desigualdades são muito grandes.

O número de matrículas no ensino básico aumentou nos últimos anos. Mesmo assim, 2,5 milhões de crianças brasileiras nunca colocaram o pé na escola. Mas a desigualdade social não aparece só no número de matrículas.

Ela está no nível de ensino, reflexo direto da qualidade do professor e de quanto ele ganha. Segundo o Ministério da Educação, o salário médio de um professor com nível universitário gira em torno de US\$ 150. Os menos qualificados recebem por volta de US\$ 80.

A remuneração acaba determinando a qualificação. Somente 37% dos professores fizeram curso superior e 14,3% têm apenas o primeiro grau completo. Com segundo grau completo são 46,4%.

Mas a indicação mais fiel da desigualdade social está nos índices de repetência e evasão. Quando a criança deixa a escola, fonte primária de cidadania, ela vai para as ruas e só pode se transformar em mão-de-obra despreparada.

De cada cem crianças que entram na primeira série do primeiro grau, apenas vinte chegam à oitava série. Há uma relação entre evasão e condições de vida dos pais. Os mais pobres exigem que o filho gere renda.

Mas há também uma relação com repetência. O garoto não consegue aprender como deveria. Vai repetindo o ano, até que, desmotivado, procura outro

caminho na vida. A mais alta taxa de repetência ocorre logo na primeira série.

Segundo o Ministério da Educação, de três alunos matriculados em qualquer série, apenas um não é repetente.

Em média, os alunos vão embora antes de completarem a quarta série. Isso significa que não aprenderam o mínimo necessário para que, na prática, não sejam analfabetos. Com menos de quatro anos de escolaridade, há uma tendência de esquecer como se escreve ou se lê.

▪ Quem é analfabeto

É polêmica a definição de analfabetismo. No Brasil, considera-se oficialmente alfabetizado quem sabe escrever um bilhete simples. Mas existem estudos indicando que quem não foi pelo menos quatro anos à escola pode ser considerado um analfabeto de fato.

Sem esses quatro anos para fixar as letras, a pessoa esqueceria o que aprendeu. Dentro desse critério, calcula-se que 41% dos brasileiros seriam analfabetos. Essa taxa tem um grave efeito político.

A democracia é o regime que garante a liberdade de todos escolherem seus governantes. Mas só existe liberdade quando se pode optar. E só existe opção quando se tem informação. A capacidade de um analfabeto ter informação é muito limitada. Ninguém pode dizer que é livre para tomar o sorvete que quiser, se conhecer apenas o sabor limão.

Para um analfabeto é muito mais difícil avaliar e comparar as propostas dos candidatos, notar suas contradições, informar-se sobre o seu passado. Essa dificuldade existe para qualquer pessoa desinformada, analfabeta ou não.

Apesar das advertências sobre suas contradições, publicadas em jornais e revistas, Fernando Collor venceu as eleições à Presidência.

Havia uma série de dados mostrando a diferença entre o que ele prometia e o seu passado, inclusive no campo da moralidade.

No primeiro turno das eleições, a maior parte de seus votos veio de pessoas com menor instrução. Elas se sensibilizaram com a promessa de salvação para os descamisados. Collor perdeu o poder, depois de um processo de *impeachment*, acusado de corrupção. Isso, apesar de ter ganho a eleição com a bandeira da moralidade.

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) fez um perfil revelador dos eleitores. Em 1986, éramos 69 milhões de eleitores. Os analfabetos com primeiro grau

incompleto totalizavam 26 milhões. Isso quer dizer que quase 40% de todos os eleitores poderiam ser considerados analfabetos de fato. Eleitores com segundo grau completo eram 6,7 milhões e com superior completo, 3,1 milhões.

Por isso, a educação é um dos pilares básicos da democracia. Quanto maior a politização, mais difícil será a vida dos demagogos. Não é apenas uma questão política, mas de reclamar por todos os seus direitos. O direito de não morrer numa fila do Inamps, de ter seus direitos trabalhistas garantidos, de ser indenizado por ter ingerido produtos estragados.

▪ Cidadania e escravidão

O analfabetismo é um dos sintomas mais antigos da falta de cidadania. Compromete em vários aspectos a liberdade de um indivíduo.

Voltemos, agora, ao início deste livro, quando falamos da escravidão. Lá, notamos que não temos muitos motivos para nos orgulharmos de avanços sociais desde o final da escravidão.

Inscrita nas constituições, a cidadania avançou mais no papel do que na prática. Não há nada de novo. Durante o Império, nossa primeira Constituição adotava os princípios de liberdade das revoluções americana e francesa. Mas a escravidão era mantida.

Lembre-se do que foi comentado no início do livro sobre Os filhos de escravos, marginalizados e sem estudo. Hoje se repete aquela mesma situação. Não é à toa que boa parte (60%) dos meninos assassinados são negros. Observe também a cor dos jovens que promoveram **arrastões** nas praias do Rio, atacando banhistas.

Não são poucas as coincidências entre os períodos, começando pela educação pública. Quando surgiu o *Decreto de Repressão à Ociosidade*, em 1888 — com a criação de instituições do tipo da Febem para garotos que perambulavam pelas ruas —, o deputado Rodrigues Peixoto discursou no Parlamento. Ao questionar a eficácia dos **asilos correcionais**, disse:

“Poderemos, é verdade, prescindir desses meios, e chegar ao mesmo resultado por outro caminho, talvez mais nobre, mas essa estrada seria demasiadamente longa; só atingiríamos essa meta depois de muito tempo de haveremos despendido largas somas. Quero falar de educação popular. Se nós pudéssemos educar melhor a nossa mocidade, se pudéssemos incutir-lhes as grandes qualidades que tornam um cidadão útil e o fazem compreender os

seus direitos e deveres, poderíamos então prescindir de meios artificiais (...) Temos, é verdade, grandes estabelecimentos de instrução superior, alguns dos quais podem enfrentar aqueles que possuem os povos mais civilizados da Europa, mas quanto à instrução primária e secundária, estamos completamente atrasados”.



Roteiro para discussão

1. Por que é tão importante investir em educação?
2. Basta apenas investir em educação?

CONCLUSÃO

Chegamos ao final de nossa viagem pelas engrenagens da crise social brasileira e a fragilidade da cidadania. Vimos que a crise afeta todo mundo, mas de um jeito diferente.

Algumas pessoas acham que os ricos estão seguros. Afinal, eles têm dinheiro, casa, carro e boas escolas. Mas, será que dá para alguém se sentir seguro com tantos sequestros, assaltos e violência? Se estivesse bem, ninguém iria para Miami ou se esconderia em casas que têm tantas cercas que mais parecem cadeias.

Com a crise, cada um vive um tipo de drama. Em 1989, a prefeitura de São Paulo fez um levantamento para saber quem morava nas ruas da cidade.

Encontraram 329 locais de moradia ao relento. O mais incrível é que 87% dos entrevistados já tinham trabalhado com carteira assinada. Desse pessoal, 27% haviam perdido seus empregos há menos de um ano e 38% há menos de dois anos.

Até recentemente, quase todas as famílias menos pobres mandavam seus filhos para escolas particulares. Agora, pais e mães amanhecem na frente de escolas públicas atrás de uma vaga.

Mas não foi a escola pública que melhorou de nível. Foi o salário da classe média que caiu tanto que não sobra mais dinheiro para pagar escola particular.

Uma pesquisa de opinião feita no Hollywood Rock, em São Paulo, mostrou que os jovens estão preocupados com esse problema. Entre os assuntos que mais interessavam para eles estava a qualidade do ensino, apontada por 70% dos entrevistados.

O Ministério da Educação fez testes de Português e Matemática em escolas públicas para ver se os alunos estavam aprendendo o mínimo exigido para cada série.

Os pesquisadores constataram que estudantes do primeiro grau terminavam o ano aprendendo menos da metade do que deveriam. As crianças vão pior em Matemática e baixam de nível a cada série. Na primeira série, aprendem 51,9% do que é ensinado e na sétima série, só 28,7%.

Num teste feito em vários países para saber como os estudantes se saem em Matemática e Ciências, o Brasil ficou em penúltimo lugar numa lista de vinte. Os brasileiros só ganharam de estudantes de Moçambique. O melhor aluno de São Paulo tem o mesmo nível do aluno médio da Coreia, Formosa, Suíça e Hungria.

Será que aquela pergunta do começo do livro sobre o que tem de comum entre você e o menino de rua é mesmo maluca?

Ou será que o Brasil está com uma infecção e o menino de rua — um cidadão com direitos garantidos apenas no papel — é o termômetro dessa febre? E, pela situação do menino de rua, o Brasil está com uma infecção tão forte que torna o próprio país uma **democracia de papel**.

PROJETO AXÉ, LIÇÃO DE CIDADANIA

Na língua africana iorubá, axé significa força mágica. Em Salvador, Bahia, o Projeto Axé conseguiu fazer, em apenas três anos, o que

sucessivos governos não foram capazes: a um custo dez vezes inferior ao de projetos governamentais, ajuda meninos e meninas de rua a construírem projetos de vida, transformando-os de pivetes em cidadãos.

A receita do Axé é simples: competência pedagógica, administração eficiente, respeito pelo menino, incentivo, formação e bons salários para os educadores. Criado em 1991 pelo advogado e pedagogo italiano Cesare de Florio La Rocca, o Axé atende hoje mais de duas mil crianças e adolescentes.

O processo pedagógico começa na rua, onde os meninos moram, tomam banho, ganham a vida, dormem e muitas vezes morrem, assassinados por grupos de extermínio, traficantes de drogas ou em brigas de gangues. Duplas de educadores de rua se aproximam dos garotos, ganham sua confiança e vão aos poucos conseguindo atraí-los para as atividades do projeto: alfabetização, oficina de serigrafia, fábrica de papel reciclado, escola de circo e diversas atividades culturais.

A cultura afro, forte presença na Bahia, dá o tom do Projeto Erê (entidade criança do candomblé), a parte cultural do Axé. Os meninos participam da banda mirim do Olodum, do Ilê Ayê e de outros blocos, jogam capoeira e têm um grupo de teatro. Todas as atividades são remuneradas. Além da bolsa semanal, as crianças têm alimentação, uniforme e vale-transporte.

A reconstrução da auto-estima, a valorização de suas raízes culturais africanas e a possibilidade de se desenvolverem como seres humanos já tirou muitos meninos da rua, que voltaram para casa ou passaram a morar em pensões.

A experiência do Axé prova que é possível educar os meninos de rua e transformá-los em cidadãos produtivos. Basta dar-lhes na prática o que a Constituição já lhes garante no papel: direito à educação, assistência médica, alimentação. Basta, enfim, tratá-los com o respeito que merecem.



GILBERTO DIMENSTEIN

Paulista nascido em 1956, é atualmente um dos jornalistas brasileiros de maior renome internacional. Em 1990, ganhou o Prêmio Maria Moors Cabot, na categoria “Menção Honrosa”, oferecido pela Faculdade de Jornalismo da Universidade de Colúmbia, Estados Unidos — o prêmio mais importante para as Américas. Esse reconhecimento deve-se, em parte, ao livro *A Guerra dos Meninos*, que revelou pela primeira vez a assassinato sistemático de crianças no Brasil. O livro foi traduzido para o alemão, inglês, francês e japonês, sendo saudado por alguns dos principais jornais do mundo como exemplo de reportagem investigativa. O jornal inglês *The Independent* afirmou que se

Charles Dickens estivesse vivo, deveria ler *A Guerra dos Meninos* antes de escrever *Oliver Twist*.

Gilberto Dimenstein prosseguiu seu trabalho com uma reportagem sobre prostituição infantil em diversos Estados do Norte do Brasil. O texto resultou no livro *Meninas da Noite - A Prostituição de Meninas-Escravas no Brasil* (Editora Ática), que teve tanta repercussão quanto *A Guerra dos Meninos*. O livro teve sucessivas edições e foi traduzido para o francês, o italiano e o alemão. As denúncias levantadas provocaram indignação internacional. *Meninas da Noite* tornou-se também leitura de apoio em escolas do Brasil inteiro. Além disso, deu origem a uma Comissão Parlamentar de Inquérito na Câmara Federal sobre prostituição infantil.

Dimenstein iniciou sua carreira na revista *Shalom*, de São Paulo. Passou por *O Globo*, *Última Hora*, *Visão*, *Correio Braziliense*, *Jornal do Brasil* e *Veja*. Atualmente é diretor de redação da sucursal da *Folha de S. Paulo* em Brasília e membro do Conselho Editorial do mesmo jornal. Transformadas em livros, suas reportagens sobre a corrupção em várias esferas do poder público lhe conferiram onze prêmios jornalísticos. Os livros *A República dos Padrinhos*, *A Guerra dos Meninos* e *Meninas da Noite* frequentaram as listas dos mais vendidos. Escreveu também *Conexão Cabo Frio*, sobre o desvio de dinheiro na cúpula do Itamaraty, *A Aventura da Reportagem*, um ensaio em parceria com Ricardo Kotscho, e *O Complot que Elegu Tancredo*, em co-autoria com mais cinco jornalistas. Em 1993 recebeu o prêmio *Criança e Paz*, do Unicef.

CONTRACAPA

Este livro constitui uma surpresa agradável para a juventude. Muito raramente um autor se dirige de maneira adequada aos jovens para se comunicar na linguagem deles, sobre assuntos sérios que afetam seus direitos.

Gilberto Dimenstein é um jornalista e autor sinceramente preocupado com os problemas da infância e da juventude de seu país. Acredita, ao contrário de muitos outros, nas soluções oferecidas pela nova geração para os problemas que o Brasil está enfrentando. E para que os jovens possam participar das soluções, devem entender os (muitas vezes bastante complexos) processos econômicos, políticos e sociais.

Gilberto teve a genial ideia e a genuína preocupação de tornar possível a participação prá valer da juventude.

A UNICEF aplaude este esforço louvável e defende a maior divulgação do livro entre os jovens, seus pais e os verdadeiros estadistas desta Nação.

Agop Kayayan
Representante da Unicef no Brasil.

ÍNDICE

Apresentação

Prefácio

Cidadania

- [Sintomas da crise](#)
- [Direito de ter direitos](#)
- [Os direitos das crianças](#)

Violência

- [Do que você tem medo?](#)
- [Um Vietnã em dois anos](#)
- [Criança vira personagem de guerra](#)
- [O policial que gostou do incêndio](#)
- [Paz social](#)
- [A origem na escravidão](#)

Renda

- [O preço de um cheeseburger](#)

- [A diferença entre pobre e indigente](#)
- [Um país jovem](#)
- [Injustiça de uma pizza](#)
- [O que é PIB](#)
- [Distribuição desigual](#)
- [A empregada e o patrão tratados de modo igual](#)
- [Sonegar é para poucos](#)
- [A importância do orçamento](#)
- [O gasto social caiu](#)

Mortalidade Infantil

- [As aparências enganam](#)
- [O PIB per capita](#)
- [A ilusão dos números](#)
- [A verdade na mortalidade infantil](#)
- [Vontade política](#)
- [A distância entre Primeiro e Terceiro Mundo](#)

População

- [O custo da ignorância](#)
- [Paternidade responsável](#)
- [Por que a esterilização se propaga](#)

- [Educação vira luxo](#)
- [Falsa solução](#)

Desemprego

- [Por que se teme tanto a recessão](#)
- [Cintos apertados](#)
- [O efeito nas universidades](#)

Inflação

- [Com o gelo no bolso](#)
- [O impacto no nível de vida](#)
- [Mínimo de verdade](#)
- [O rabo e o cachorro](#)
- [Quem produz inflação](#)
- [A salvação da poupança](#)

Década Perdida

- [Combinação explosiva](#)
- [A criança trabalhadora](#)
- [Efeitos políticos](#)

Urbanização

- [O eterno drama da seca](#)

- [Violência na família](#)
- [As drogas atacam os meninos](#)

Desnutrição

- [Onde começa a derrota](#)
- [Mortos de fome](#)
- [A importância do saneamento](#)
- [A mãe transmite a desnutrição](#)

Educação

- [Tragédia educacional](#)
- [Impacto econômico](#)
- [Evasão e repetência](#)
- [Quem é analfabeto](#)
- [Cidadania e escravidão](#)

Conclusão

Gilberto Dimenstein

Contracapa

Table of Contents

[Rosto](#)

[APRESENTAÇÃO](#)

[PREFÁCIO](#)

[CIDADANIA](#)

[Sintomas da crise](#)

[Direito de ter direitos](#)

[Os direitos das crianças](#)

[VIOLÊNCIA](#)

[Do que você tem medo?](#)

[Um Vietnã em dois anos](#)

[Criança vira personagem de guerra](#)

[O policial que gostou do incêndio](#)

[Paz social](#)

[A origem na escravidão](#)

[RENDIA](#)

[O preço de um cheeseburger](#)

[A diferença entre pobre e indigente](#)

[Um país jovem](#)

[Injustiça de uma pizza](#)

[O que é PIB](#)

[Distribuição desigual](#)

[A empregada e o patrão tratados de modo igual](#)

[Sonegar é para poucos](#)

[A importância do orçamento](#)

[O gasto social caiu](#)

[MORTALIDADE INFANTIL](#)

[As aparências enganam](#)

[O PIB per capita](#)

[A ilusão dos números](#)

[A verdade na mortalidade infantil](#)

[Vontade política](#)

[A distância entre Primeiro e Terceiro Mundo](#)

[POPULAÇÃO](#)

[O custo da ignorância](#)

[Paternidade responsável](#)

[Por que a esterilização se propaga](#)

[Educação vira luxo](#)

[Falsa solução](#)

[DESEMPREGO](#)

[Por que se teme tanto a recessão](#)

[Cintos apertados](#)

[O efeito nas universidades](#)

[INFLAÇÃO](#)

[Com o gelo no bolso](#)

[O impacto no nível de vida](#)

Mínimo de verdade

O rabo e o cachorro

Quem produz inflação

A salvação da poupança

DÉCADA PERDIDA

Combinação explosiva

A criança trabalhadora

Efeitos políticos

URBANIZAÇÃO

O eterno drama da seca

Violência na família

As drogas atacam os meninos

DESNUTRIÇÃO

Onde começa a derrota

Mortos de fome

A importância do saneamento

A mãe transmite a desnutrição

EDUCAÇÃO

Tragédia educacional

Impacto econômico

Evasão e repetência

Quem é analfabeto

Cidadania e escravidão

[CONCLUSÃO](#)

[GILBERTO DIMENSTEIN](#)

[CONTRACAPA](#)

[Índice](#)